



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI

**RAYANA LORENA VIEIRA DE SOUZA**

**A EQUOTERAPIA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA EMPÁTICA.**

São Luís  
2017

**RAYANA LORENA VIEIRA DE SOUZA**

**A EQUOTERAPIA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA EMPÁTICA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com formação em psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba.

São Luís

2017

**RAYANA LORENA VIEIRA DE SOUZA**

**A EQUOTERAPIA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA EMPÁTICA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com formação em psicólogo.

Aprovado em: 18/01/2017.

Nota média: 10,0.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Orientador)  
Doutor em Psicologia Social  
Universidade Federal do Maranhão



---

Profª Ms. Wanderléa Bandeira Nazaré Ferreira (Examinadora)  
Departamento de Psicologia



Psicóloga Thayane Cristhine Amaral Oliveira (Examinadora)  
Mestranda em Psicologia – PPEPSI

Com todo o meu amor, ao meu Deus.  
Dono da minha vida. Amoroso, fiel e  
misericordioso.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque sem Ele nada eu seria ou conquistaria. Obrigada meu Jesus, por seu amor incondicional, pela sua fidelidade e por sua infinita misericórdia. Toda honra e toda glória a Ti Senhor!

Agradeço ao meu pai Francisco das Chagas e a minha mãe Rosângela. Obrigada mãe por todo teu amor, teu cuidado, teu carinho, pelos teus choros de preocupação, por todas as orações e promessas que fez por mim. Obrigada pai, pelo teu zelo, por todo teu companheirismo, por sempre estar perto de mim e das coisas que faço. Agradeço a vocês por sonhar os meus sonhos, por sorrir e chorar junto comigo. Vocês nem imaginam o quanto eu os amo.

Agradeço ao meu irmão Bruno Alex por proporcionar a melhor infância que eu poderia ter tido, pelas brincadeiras e a convivência diária. Por sempre me ajudar nos assuntos relacionados aos estudos, assim como na elaboração desta monografia. E pelo melhor presente que eu poderia ganhar meu sobrinho e afilhado Luís Miguel. Sem você tudo seria mais difícil. Bem como agradeço a sua esposa, Cristiane Carvalho, pela amizade construída e por me confiar o cuidado do seu filho, Luís Miguel, me escolhendo como madrinha e comadre.

Agradeço ao meu afilhado, Luís Miguel. Pequeno ser que me ensina a cada dia que passa um pouco mais sobre o amor e sobre amar. Obrigada por me receber sempre de sorriso aberto e abraço apertado, meu menino.

Agradeço ao meu avô Cazuzza e a minha avó Rosa. Obrigada seu Cazuzza, por todas as histórias contadas, pela honra de me fazer conhecer um pouco mais sobre o mundo através da sua vida. O senhor me ensina muito a cada encontro. Obrigada minha avó Rosa Vieira pela alegria sempre que me vê. Como o próprio nome já diz, és uma flor, linda por dentro e por fora.

Agradeço ao meu cachorrinho Belo, por sempre fazer questão de estar próximo a mim e por através do seu olhar e do seu carinho me instigar a pensar sobre as Intervenções Assistidas por Animais e a empatia.

Agradeço as minhas amigas: Talita Hortência, Manuely Ribeiro, Samayra Santos, Thaisa Rabelo, Thalita Sales, Luciana Martins e Tayla Trindade pela amizade forte e madura que construímos ao longo dos anos.

Agradeço à minha amiga Lícia Soares, pela companhia desde os tempos de escola, por mesmo longe se fazer presente na minha vida, e por toda a consideração e carinho que demonstra.

Agradeço a minha amizade mais “antiga”, Camilla Lima. Amizade que surgiu na infância e que apesar de todos os obstáculos e preocupações que a vida adulta nos trouxe não mudou.

Agradeço à minha amiga Ingrid Rocha, por todas as aventuras que passamos juntas e pelas que virão. Por dividir comigo a angustia relativa à escrita e apresentação das nossas monografias.

Agradeço a todos os integrantes do Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão (funcionários, praticantes, pais e/ou responsáveis, colaboradores, voluntários) pela companhia, pelo aprendizado e pela confiança. Em especial aos cavalos: Malhado, Sonhador e Briosque. Foram estes seres de luz que me inspiraram a escolher o tema da presente monografia.

Agradeço ao meu orientador Jean Marlos por toda dedicação em contribuir para o desenvolvimento da minha formação profissional e pessoal. Por demonstrar humildade para ensinar e para aprender. Por me entusiasmar através do seu exemplo de amor aos animais.

Agradeço aos amigos e colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Intervenção Assistida por Animais - GEPSIAA's por compartilhar suas vivências e conhecimento. Especialmente, agradeço a Lidiane Collares e Thayane Amaral Oliveira. Duas amigas amadas que me deram forças para chegar à conclusão deste trabalho. Saibam que vocês duas tem um espaço importante na minha vida e nesta monografia.

Agradeço à todos da minha turma de Psicologia 2011.1, por todos as experiências de estudo e companhia. Bem como agradeço a todos os professores do Departamento de Psicologia da UFMA, por contribuírem para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Agradeço aos meus amigos do Estágio na UNITI, pelos ótimos momentos que compartilhamos nos trabalhos e nas supervisões. Sou muito grata a vocês: Isabelle, Mauro, Keyla, Jared e Rodrigo. Vocês fizeram os meus dias na UFMA serem mais prazerosos.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra se fizeram presente em minha vida durante esses anos de curso e contribuíram para que o meu objetivo fosse alcançado.

Deus prova os homens para que vejam que são como os animais. O destino do homem é o mesmo do animal; o mesmo destino os aguarda. Assim como morre um, também morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida; o homem não tem vantagem alguma sobre o animal. Nada faz sentido!

(Eclesiastes 3, 18-19)

O corpo humano é a carruagem. Eu, o homem que a conduz. O pensamento, as rédeas. Os sentimentos, os cavalos.

Platão.

## RESUMO

A intenção central deste trabalho é analisar como a relação entre praticante e cavalo pode ocorrer por meio de uma vivência empática no contexto da Equoterapia. Ao longo da pesquisa abordo os seguintes objetivos específicos: delinear historicamente a relação entre homem e cavalo, caracterizar as Intervenções Assistidas por Animais – IAA's e suas categorias, apresentar a Equoterapia e suas características fundamentais, bem como o conceito de empatia por um viés fenomenológico e por fim, refletir criticamente sobre a aplicação da técnica na Equoterapia. A Equoterapia, método terapêutico e educacional, utiliza o cavalo de modo interdisciplinar (saúde, educação e equitação) com o objetivo central de desenvolver biopsicossocialmente pessoas com limitações e/ou necessidades especiais. O envolvimento com a Equoterapia, na condição de voluntária, encantou-me e aproximou-me da relação homem-cavalo permitindo o aprimoramento da vivência. A Fenomenologia de Edmund Husserl e Edith Stein foi a fundamentação epistemológica, teórica e metodológica que permitiu a análise dos fenômenos que se tornaram evidentes na Equoterapia. A metodologia utilizada foi qualitativa realizando registro das observações, pesquisa bibliográfica, documental e no meio virtual, reflexões sobre o vivido e redação do texto. Percebeu-se que a troca contínua, recíproca e afetiva caracterizam a relação homem e animal no contexto da Equoterapia. Foi observado, vivenciado e refletido como os praticantes (pessoa em atendimento na Equoterapia) interagem com as ações do cavalo com extremo carinho e cuidado, em uma troca de sentimentos, atos e percepções. O cavalo, à sua maneira, correspondeu ao vínculo e ao afeto dispendido. Dessa maneira, assim como a relação entre homens, a empatia também está presente na relação com o animal, a partir da percepção de um ser que difere de mim em certos aspectos, mas que assim como eu vive e senti. Tal vivência pode trazer benefícios sociais e psicológicos à medida que o praticante que empatiza com o animal se coloca à disposição do bem estar do outro, colaborando para o cultivo de relações de afeto, cuidado, assim como relações sociais mais harmoniosas. Essa proposta é apenas uma porta de entrada para a presente temática e teve a intenção de permitir que fosse possível transcender a visão tecnicista presente neste tipo de IAA's. Os estudos permitiram chegar à conclusão de que a Equoterapia está imersa no positivismo científico reduzindo o cavalo a um simples recurso e a relação entre homem e cavalo a mera técnica.

**Palavras-chave:** Equoterapia. Empatia. Fenomenologia. Intervenções Assistidas por Animais.

## ABSTRACT

The central intention of this work is to analyze how the relation between practitioner and horse can occur through an empathic experience in the context of Equine therapy. The following specific objectives were developed during the research: to delineate historically the relationship between man and horse, to characterize Animal Assisted Interventions - IAA's and their categories, to present Equine therapy and its fundamental characteristics, as well as the concept of empathy for a phenomenological bias and, finally, to reflect critically on the application of the technique in Equine therapy. Equine therapy, a therapeutic and educational method, uses the horse in an interdisciplinary way (health, education and riding) with the central objective of developing biopsychosocially people with limitations and / or special needs. The involvement with the Equine Therapy, as a volunteer, charmed me and approached the man-horse relationship allowing the improvement of the experience. The Phenomenology of Edmund Husserl and Edith Stein was the epistemological, theoretical and methodological foundation that allowed the analysis of the phenomena that became evident in Equine therapy. The methodology used was qualitative by the recording of the observations, bibliographical research, documentary and in the virtual environment, reflections on the lived and writing of the text. It was noticed that the continuous exchange, reciprocal and affective, characterize the man-animal relationship in the context of Equine therapy. It was observed, experienced and reflected how the practitioners (person in attendance in the Equine therapy) interacted with the actions of the horse with extreme affection and care, in an exchange of feelings, acts and perceptions. The horse, in its way, corresponded to the bond and the affection expended. In this way, as well as the relationship between men, empathy is also present in the relationship with the animal, from the perception of a being that differs from me in certain aspects, but that as I live and feels. Such experience can bring social and psychological benefits as the practitioner who empathizes with the animal becomes available to the well-being of the other, collaborating for the cultivation of relationships of affection, care, as well as more harmonious social relations. This proposal is only a gateway to the present theme and it was intended to allow it to transcend the technician vision present in this type of IAA's. The studies allowed to reach the conclusion that the Equine therapy is immersed in the scientific positivism reducing the horse to a simple resource and the relation between man and horse to mere technique.

**Keywords:** Equine therapy. Empathy. Phenomenology. Animal-assisted Interventions.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>O CAMINHO FENOMENOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	15
<b>3</b>	<b>A RELAÇÃO HOMEM – CAVALO</b> .....	19
<b>3.1</b>	<b>As Intervenções Assistidas por Animais - IAA's</b> .....	24
<b>4</b>	<b>EQUOTERAPIA</b> .....	27
<b>4.1</b>	<b>Percurso Histórico da Equoterapia</b> .....	27
4.1.1	Equoterapia no Mundo .....	27
4.1.2	Equoterapia no Brasil .....	29
4.1.3	Equoterapia no Maranhão .....	30
<b>4.2</b>	<b>Características Gerais Da Equoterapia</b> .....	31
4.2.1	O atendimento na Equoterapia .....	31
4.2.2	A equipe interdisciplinar .....	36
4.2.3	Indicações e contra-indicações .....	37
4.2.4	O cavalo na Equoterapia e seus benefícios.....	39
<b>5</b>	<b>A EMPATIA NO CONTEXTO DA EQUOTERAPIA</b> .....	44
<b>5.1</b>	<b>Reflexão acerca da técnica</b> .....	51
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61

## 1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, acredito ser relevante relatar o que me levou a pesquisar sobre a Equoterapia e a Empatia por uma perspectiva fenomenológica. Meu contato inicial com este tipo de terapia aconteceu no ano de 2014, como voluntária em um órgão estatal. A priori, me senti inundada por um sentimento de medo, consequência do desconhecido mundo no qual estava adentrando. Posteriormente, fui envolvida por um encantamento e entusiasmo que me impulsionaram a me aprofundar acerca da Equoterapia.

A Equoterapia trata-se de um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com limitações e/ou necessidades especiais (LERMONTOV, 2004).

Essa vivência impulsionou a minha entrada no Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde e Intervenções Assistidas por Animais - GEPSIAA's, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, no ano de 2016. Espaço que me instigou a avançar na pesquisa acerca da Equoterapia e no aprimoramento da vivência.

Um pouco depois, iniciou-se o Grupo de Trabalho “Psicologia e Intervenções Assistidas por Animais” do Conselho Regional de Psicologia, no qual sou membro. Ambos os grupos são liderados pelo prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão.

Com as reuniões em grupos de estudo e pesquisa pude ir para além da Equoterapia enquanto um método ou técnica e me direcionar para o aspecto mais abrangente desta Terapia Assistida por Animal, a relação homem-animal, em específico, a relação entre homem e cavalo.

O cavalo é um animal bastante usado nas Terapias Assistidas por Animais (TAAs), subgrupo das Intervenções Assistidas por Animais (IAAs), ocupando papel de destaque na reabilitação física, psíquica e/ou social de muitos indivíduos. Por seu perfil físico e temperamento fácil, a sua presença é um fator motivador para o tratamento (BRESLAU, 2012).

Durante a minha vida sempre tive contato com animais. A priori, o contato se deu com pássaros, gatos e cachorros em casa. Entretanto, somente na experiência que tive na Equoterapia pude me aproximar dos cavalos. Durante estes relacionamentos que tive com

animais e através dos relatos de outras pessoas que construíram um vínculo com animais não-humanos pude perceber diversos resultados positivos advindos dessa relação.

Por muitas vezes pais e responsáveis de praticantes (termo designado a pessoa em atendimento na Equoterapia) assim como os próprios praticantes me relataram melhorias advindas deste processo. Entre elas posso citar algumas: autonomia, comunicação, autoestima, consciência corporal, melhoras posturais, tônus muscular, coordenação motora, noções espaço-temporais, auto cuidado, socialização e etc.

Diversas pesquisas vêm demonstrar os resultados positivos da Equoterapia. Dentre elas, pesquisas como as de Lermontov (2004), Freire e Potsch (2005), Foresti (2014), Cunha et. al. (2016), Brentegani (2017), Campos (2017), vêm mostrar que o vínculo homem-cavalo proporciona diversos benefícios físicos, psicológicos e/ou emocionais e sociais. Entretanto, carece de estudos que venham a esmiuçar o que acontece nessa relação a qual é capaz de trazer tantos benefícios.

Ouvi em determinados momentos da minha experiência, de praticantes e tutores de animais, que estes os auxiliam e têm uma forma de “compreende-los” e “percebê-los” quando sentem angústias, medos ou estão tristes. Em algumas circunstâncias sentem-se mais compreendidos pelos animais do que pelos próprios humanos que compõem seu círculo de amizades, ou familiares.

Durante a minha observação na Equoterapia o modo como os praticantes e os cavalos interagem e se correspondiam me chamou muito a atenção, seja na troca de olhares, no toque, nos gestos corporais, no carinho e cuidado dispensados um para o outro. Essa troca contínua, recíproca e afetiva que caracteriza a relação homem – cavalo na Equoterapia me aguçou a curiosidade de pensar sobre este tipo de relacionamento. Mais especificamente, sobre a empatia neste processo.

Além disso, em conversas com meu orientador, discutimos acerca dos fenômenos que compareciam na mediação do vínculo estabelecido entre homem e animal, sobre tudo na Equoterapia. Nesses diálogos, chegamos à temática da empatia. Diante destas percepções e questionamentos percebi em mim a necessidade de pesquisar sobre isso.

A Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e Edith Stein (1891-1942) foi a fundamentação epistemológica, teórica e metodológica que permitiu a compreensão, evidenciação e análise dos fenômenos que se tornaram evidentes na Equoterapia, no intuito de conhecer suas essências, tal como emergiam neste contexto. A metodologia utilizada foi

qualitativa realizando registro das observações, pesquisa bibliográfica, documental e no meio virtual, reflexões sobre o vivido e redação do texto.

A pretensão husserliana da fenomenologia é a de encontrar um novo caminho para a fundamentação rigorosa do conhecer e do agir, frente ao caráter enigmático do mundo e de nossa existência histórica. Configura-se enquanto um movimento de pensamento profundamente comprometido com as ciências humanas e sociais.

De acordo com Guimarães (2005) a palavra de ordem é dirigida a necessidade originária de retorno ao mundo da vida, às coisas mesmas “em carne e osso”, na conhecida expressão de Husserl. Isto significa que deve ser atribuída aos pensadores a tarefa de reler o mundo para além dos paradigmas construídos pelas ciências que artificializaram o mundo, esquecendo-se da infinitude dos seus sentidos.

A escolha pela atitude e método fenomenológico se deu mediante a minha inquietação com a maneira pela qual os animais são comumente referenciados na Equoterapia (assim como em outras Terapias Assistidas por Animais): no mesmo lugar de coisa, um objeto inanimado, sendo comumente denominado “instrumento ou recurso” terapêutico. Como também pela predominância da sobreposição da técnica equoterápica sobre a genuína relação entre homem e cavalo na Equoterapia, naturalizando-se o vínculo que se estabelece entre homem-animal sem uma investigação rigorosa acerca do fenômeno e do que ocorre nesta interação.

Nesta trajetória, deparei-me com a dificuldade em encontrar publicações científicas na área escolhida. O tema da empatia na relação homem-animal ainda é um terreno inexplorado pelo viés da fenomenologia. Fato que foi comprovado pelo pouco número de publicações encontradas na pesquisa bibliográfica que realizei abordando a empatia na relação homem x animal na abordagem supracitada, bem como de eventos científicos que tratem da temática.

Além disso, considero como um trabalho árduo a leitura e compreensão da obra de Husserl (1859-1938), assim como a obra de Stein<sup>1</sup> (1891-1942), tendo em vista a complexidade do tema e também por não haver tradução para o português da principal obra de

---

<sup>1</sup> Edith Stein é uma filósofa alemã. Na adolescência, Stein afastou-se da fé judaica pela qual foi inserida desde criança e iniciou seu caminho “em busca da verdade”. Em 1913 descobriu as obras de Husserl e foi em busca do próprio mestre. Orientada por Husserl defendeu sua tese de doutorado sobre a empatia em 03 de agosto de 1916, obtendo nota máxima. Além da temática da empatia, a educação e a formação da pessoa humana foram elementos de interesse para Edith Stein (OLIVEIRA, 2016).

Edith Stein (1891-1942) sobre a empatia denominada “O problema da Empatia”. Ademais, foi preciso que eu levasse em consideração todo o meu vivido nesses anos de convivência com os animais e de observação na Equoterapia, para que em atitude fenomenológica eu conseguisse captar o verdadeiro conhecimento.

Na obra husserliana o tema da empatia comparece como pano de fundo no que tange à temática da “intersubjetividade”. O aprofundamento do tema da empatia ocorre em Edith Stein (1891-1942) que orientada por Husserl elaborou sua tese de doutorado com o título: “O problema da Empatia”. Desenvolvendo um trabalho criterioso acerca da vivência empática por uma perspectiva fenomenológica.

Stein (1891-1942) não consolida uma única definição de empatia e emprega um vocabulário variante para falar dela, considerando a empatia uma vivência extremamente complexa de ser descrita. Dessa maneira, não buscou encaixar a empatia em meros conceitos. Estes deixariam escapar a totalidade de uma vivência tão rica em detalhes, por isso foi contraposta a um sentido idealista de definição da empatia.

De acordo com Savian Filho (2014) podemos pensar a empatia a partir de Stein como uma vivência que não se trata de intuição ou de uma simples emoção, mas de um saber do que se passa na consciência alheia, uma experiência da experiência alheia, um perceber aquilo que o outro vivência, ou ainda, um sentir o que sente o outro. Portanto, a empatia são atos da consciência que tem como objeto a vivência da consciência alheia, ou seja, a empatia é o dar-se conta da vivência alheia.

A partir destas observações, alguns questionamentos me surgiram, em especial, uma pergunta central que norteia essa pesquisa: como se dá a empatia na relação homem x animal, em especial o cavalo, no contexto da Equoterapia? Existe essa possibilidade? De que maneira?

Para responder a este objetivo geral, percorro pelos seguintes objetivos específicos: delinear historicamente a relação entre homem e cavalo, caracterizar as Intervenções Assistidas por Animais e suas categorias, apresentar a Equoterapia e suas características fundamentais, bem como o conceito de empatia por um viés fenomenológico e por fim, refletir criticamente sobre a aplicação da técnica neste tipo de terapia.

Visando encontrar esclarecimentos para tais questionamentos e possibilitar uma melhor compreensão do leitor acerca da problemática evidenciada, dividi esse trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo visa contextualizar a relação entre homem e cavalo ao longo da história, desde seus primórdios até a inserção do animal nas modalidades de Intervenção Assistida por Animais - IAA's.

No segundo capítulo, abordo o conceito, histórico e as características gerais da Equoterapia. Tenho o entendimento de que esta ainda é uma terapia pouco disseminada academicamente e considero de suma relevância para o trabalho de forma geral o seu entendimento.

No terceiro capítulo, me atento ao fenômeno da empatia na relação homem x cavalo deste processo terapêutico, assim como faço uma reflexão crítica acerca da técnica, que é o modo pela qual essa terapia vem ganhando espaço; assim como a reflexão de alguns termos e conceitos utilizados, e do lugar do animal neste processo.

Dessa maneira, este trabalho busca proporcionar um novo olhar sobre este tipo de terapia com animais. Um olhar que pretende ir para além da técnica pelo viés da fenomenologia, numa perspectiva de respeito e valorização do animal. A fim de buscar a essência da vivência empática que ocorre entre homem e cavalo nas sessões equoterápicas, clarificando a Equoterapia como uma possibilidade de vivência empática. Traz também mais uma contribuição científica para os estudos na área, que carece de publicações científicas, incentivando assim a busca por mais conhecimento dessa prática.

## 2 O CAMINHO FENOMENOLÓGICO DA PESQUISA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico. Foi realizado registro das observações na Equoterapia enquanto voluntária de um órgão estatal por aproximadamente um ano, pesquisa bibliográfica, documental e no meio virtual, reflexões sobre o vivido e redação do texto.

A investigação de publicações científicas foi efetuada em busca por periódicos eletrônicos nas plataformas Scielo e Lilacs através das palavras chaves “Equoterapia”, “empatia e fenomenologia”, “vínculo homem-animal”, bem como em documentos e livros que falem da relação entre homem e animal, Equoterapia, empatia e fenomenologia.

Primeiramente, foi feito um levantamento do material encontrado na busca bibliográfica relatada anteriormente. Após a leitura do material, foram selecionadas as produções que atendiam ao alcance dos objetivos desta pesquisa.

Com o acervo selecionado foi feita a leitura, a descrição e a conexão de essências através da análise fenomenológica das publicações que apresentam a Equoterapia e a relação homem-animal para que assim fossem descritos os pontos em que compareçam questões sobre a empatia. Além disso, utilizei de registro das observações, reflexões sobre o vivido e redação do texto, decorrentes da minha vivência de aproximadamente um ano em um Centro de Equoterapia.

O método deste trabalho foi elaborado com suporte nas principais idéias de Husserl (fundador da Fenomenologia) e também nos pressupostos de Guimarães (2005) e Forghieri (2002) para realizar a análise das publicações encontradas e dos fenômenos que se tornaram evidentes na Equoterapia, no intuito de conhecer suas essências, tal como emergiam neste contexto.

Husserl (1859-1938) preocupado com o modo pelo qual as ciências pelo viés do racionalismo tratavam dos fenômenos humanos fez duras críticas à atitude natural, a matematização da vida e a tecnificação da subjetividade. Ele nos evidencia que as ciências naturais e os naturalistas acabam por explicar todos os acontecimentos por leis estritamente naturais, perdendo os fenômenos em sua complexidade, limitando-os a objetos físicos e conseqüentemente às leis do universo físico. Derivando disso, a exclusão do sobrenatural e do transcendente.

A mentalidade naturalista vê no mundo físico e no mundo humano somente natureza, apreendida e explicada pelas mesmas categorias mentais; e porque a natureza que imediatamente apreende é a do mundo físico, essa mentalidade reduz a esta natureza tudo o que existe, admitindo que os fenômenos psíquicos são variações, paralelos ou epifenômenos dos fenômenos físicos (HUSSERL, 1965).

Partindo dessas considerações acerca da ciência predominante, Husserl (1859-1938) inaugura a Fenomenologia no início do século XX. Ele propõe que o rigor científico só pode ser obtido assumindo uma postura de libertação das verdades categoriais que sempre encobriram o dado originário. Com essa atitude o sujeito rompe com a tradição clássica do conhecimento centrado na relação sujeito-objeto e instaura um novo modo de conceber o conhecimento: a partir da interação consciência-mundo, consciência- dado.

A maneira originária de ver o mundo é em sua essência pura, quando nos voltamos para os fenômenos despojados de qualquer pré-conceito. Por isso, a fenomenologia é considerada a ciência das essências. Mas o que seria essência?

“Essência” designou, antes de mais nada, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como que ele é. Mas cada um desses “o quê” ele é, pode ser “posto em idéia. A intuição empírica ou individual pode ser convertida em visão de essência (ideação) --- possibilidade que também não deve ser entendida como possibilidade empírica, mas como possibilidade de essência. (HUSSERL, 1913/2006, p.35)

De acordo com Guimarães (2005) as essências dos objetos são simplesmente aquelas mostrações que se revelam como invariantes, por mais que eliminemos as accidentalidades da sua condição. Na descrição das essências entra em atividade relevante a intuição, possibilitadora da captação do que existe de invariável e universal nos objetos, nas suas mais variadas manifestações à consciência.

Mas o que seria essa consciência? Husserl fala de consciência enquanto intencionalidade. A essência da consciência é a intencionalidade. Posto que o mundo só adquire sentido a partir da visada da consciência. Isto significa que toda consciência é consciência de alguma coisa. À medida que intenciono algo, esse algo se põe para mim como objeto. Dessa maneira, intuir está colocado no sentido de “olhar”, de “voltar-se para” alguma coisa.

Para que se chegue à compreensão do objeto de estudo é necessário levar em conta uma noção central à fenomenologia: a intencionalidade, que é “[...] aquilo que caracteriza a consciência no sentido forte, e que justifica ao mesmo tempo designar todo o

fluxo de vivido de consciência e como unidade de uma única consciência” (HUSSERL, 1913/2006, p. 190).

Feita essas considerações, pode-se afirmar que “toda consciência é consciência de algo”, ou seja, só existe um objeto para uma consciência que o intenciona. Dessa forma, o objeto de estudo só adquire sentido a partir do meu direcionamento enquanto consciência e subjetividade, haja vista que o homem coexiste com o mundo-da-vida (*Lebenswelt*).

Ao concluir que somente pode existir um objeto para uma consciência que o intenciona, eu enquanto sujeito dotada de uma intencionalidade não posso ficar neutra na presença do meu objeto de estudo. Nesse sentido, torna-se necessário que eu leve em consideração todo o meu vivido na Equoterapia, já que como sujeito dotado de consciência intencional estou envolvida na pesquisa e torna-se relevante a escrita deste trabalho em primeira pessoa.

Contudo, para que tal envolvimento entre pesquisador e objeto de estudo seja condizente com uma pesquisa fenomenológica, é preciso que eu adote a *epoché* ou também chamada de redução fenomenológica. É preciso que eu saia da atitude natural e vá em direção a atitude fenomenológica. Conforme Guimarães (2005, p. 15) afirma:

A redução fenomenológica é o abandono da atitude natural, ingênua. É ela que possibilita todo o conhecimento. Trata-se de uma conversão à vida reflexiva. Uma reversão da atitude natural. O mundo é colocado “entre parênteses”, é reduzido ao seu manifestar-se, à sua aparição, porque o que primeiro interessa à fenomenologia é a essência e não a aparência. A aparência é o fenômeno. A essência é o que envolve o fenômeno. Logo, para descobrir a essência é necessário assumir a atitude de redução, ou seja, suspender a crença na vigência do mundo para perceber a sua constituição essencial. A redução fenomenológica é também denominada *epoché* ou *epoché*, ou seja, abstenção da crença na vigência do mundo.

Este “colocar o mundo entre parênteses” chamado *Epoché* não nega a sua existência, mas renuncia ao seu uso em um esvaziamento momentâneo de qualquer julgamento ou pré-conceito para que se estude o fenômeno tal qual se mostra à consciência intencional. Após essa redução fenomenológica é a corrente de vivências puras que permanecem. Como evidencia Husserl (1913/2006, p. 81) em sua obra “Idéias para uma Fenomenologia Pura e Para uma Filosofia Fenomenológica”:

Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente “para nós aí”, “a nosso dispor”, e que continuará sempre aí como “efetividade” para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses. Se assim procedo, como é de minha plena

liberdade, então não nego este “mundo”, como se fosse sofista, não duvido de sua existência, como se fosse cético, mas efetuo a eroyn “fenomenológica”, que impede totalmente de fazer qualquer juízo sobre existência espaço-temporal. Tiro, pois, de circuito todas as ciências que se referem a esse mundo natural, por mais firmemente estabelecidas que sejam para mim, por mais que as admire, por mínimas que sejam as objeções que pense em lhes fazer: eu não faço absolutamente uso algum de suas validades.

Sendo assim, foi preciso que eu suspendesse temporariamente tudo aquilo que eu “naturalmente” entendia por Equoterapia e empatia para que eu pudesse apreender o fenômeno tal qual se apresentasse para mim. Para que eu pudesse descrever os resultados em suas características essências, naquilo que faz o fenômeno ser o que é e não outra coisa. Pois o que importa a fenomenologia é a essência e não a aparência.

Portanto, eu não nego o mundo que me envolve. Utilizo-me dos conceitos e teorizações acerca da Equoterapia e da empatia. Posteriormente, é preciso que em dado momento eu me abstenha disso para que eu evite explicar o fenômeno e o compreenda em sua maneira originária, tal qual se mostra à minha consciência.

É a partir da atitude fenomenológico que escrevo os resultados desta pesquisa. Contudo, o objetivo desta pesquisa de orientação fenomenológica não é a de afirmar hipóteses, mas sim de obter uma possibilidade de sentido, ou seja, resultados generalizáveis e assim passíveis de revisões posteriores, já que as essências descritas não são verdades absolutas. Caso contrário, recairia na ingenuidade da ciência natural que acredita que pode dar conta do mundo em sua completude.

Julgo importante que tais formulações sejam levadas em conta na realização de pesquisas fenomenológicas, não como métodos rígidos de interpretação, mas, como parâmetros flexíveis que permitam confirmá-las, descrevendo-as melhor, ou refutá-las, modificando-as; nesse processo, a vivência humana deve sempre servir de contraponto, pois, na Psicologia, ela é a origem de todas as elaborações conceituais (FORGHIERI, 2002).

### 3 A RELAÇÃO HOMEM – CAVALO

Ao longo da história, o homem tem se relacionado com a natureza de diferentes maneiras, ora degradando-a, ora protegendo-a. Os mais diversos animais sempre estiveram presentes nesse ambiente natural. Inicialmente, a aproximação dos homens com os animais aconteceu por necessidade de sobrevivência, visando principalmente a alimentação. Gradativamente, o homem deu-se conta que sua relação com os animais poderia ser muito mais ampla e ambos poderiam ser grandes companheiros.

A relação entre homem e cavalo se construiu desde os primórdios da história da humanidade. O primeiro encontro do homem com o cavalo selvagem deverá ter acontecido na pré história – período paleolítico (de 3.5 milhões a.C. a 10.000 a.C.) (SEVESTRE; ROSIER, 1983 apud LEITÃO, 2008).

Desde então, e em todas as épocas da história, o cavalo tem desempenhado um importante papel no universo relacional cotidiano do homem. Companhia do homem na paz, na guerra, na caça, na agricultura, nos transportes e nas comunicações, no desporto.

Os primeiros registros desse convívio remontam ao Período Paleolítico e se caracterizam por imagens de animais desenhadas em paredes, as pinturas rupestres. Muitas dessas imagens demonstravam o cavalo ao lado de humanos, o que demonstra uma relação próxima entre esses dois seres desde tempos remotos (DE COULANGES, 2006).

De acordo com Costa (2011) o cavalo é um ser que de acordo com a Paleontologia começou a evoluir no período Eoceno, entre 60 e 45 milhões de anos, sendo inicialmente um animal do tamanho de um cão, com pernas longas e quatro dedos nas patas dianteiras e três nas patas traseiras. O primeiro fóssil deste animal foi encontrado na Inglaterra pelo paleontologista Sir Richard Owen em 1841. Apesar de não ter o esqueleto completo resolveu chamá-lo "besta parecida com um *Hyrax*" se denominando *Hyracotherium*.

Em 1876 Othniel C. Marsh encontrou o esqueleto completo nos Estados Unidos, ao qual deu o nome de *Eohippus* ("cavalo da madrugada ou cavalo do amanhecer"). Quando se deu conta que os dois achados eram o mesmo animal o nome *Hyracotherium* tornou-se oficial e *Eohippus* acabou por ser um sinônimo, que depois se desenvolveu e transformou-se no *Mesohippus* (do grego: meso "meio" e hipus "cavalo"), que era do tamanho de um cão Boxer (COSTA, 2011).

Diferentemente do seu antecessor *Mesohippus* tinha pernas mais longas e somente com três dedos, sendo o do meio o que o sustentava, e media 60 cm de altura. A sua face era mais longa e mais larga que a dos anteriores equídeos e apresentava uma ligeira fossa facial. Os seus olhos eram mais arredondados e estavam mais afastados, se alimentava de fruta e grama, Tinha seis dentes largos, o seu hemisfério cerebral era bastante maior do que o dos seus antecessores, sendo do tamanho do cérebro do atual cavalo. O *Merychippus* ou *Meryohippus* foi o sucessor do *Mesohippus* e viveu no início do período Mioceno também na América do Norte. Ele tinha três dedos em cada pé. Seu nome significa "cavalo ruminante", mas a evidência atual não garante que *Merychippus* ruminava. Continuou a evolução quando a um milhão de anos atrás surgiu o *Equus*, o cavalo moderno, que mede de 1,50cm a 1,60cm de altura, pesa entre 330kg a 550kg, vive até aos 30 anos e tem um período de gestação de 336 dias (DE COULANGES, 2006).

A domesticação dos animais teve início no Período Neolítico, em que o homem desenvolveu técnicas de cultivo, o que o levou à redução da caça, motivando a aproximação com os animais. Uma das evidências arqueológicas desse processo é o corpo de uma mulher achado em Israel enterrada ao lado de um cão, datado de cerca de 12000 anos atrás. Tais mudanças na utilização dos animais também permitiram o processo de adaptação até a sua forma atual (TEIXEIRA, 2007).

Por essa razão, o homem estreitou seus laços com esses outros seres, e os animais adquiriram posição destacada, ocupando os vários âmbitos da vida humana, participando e contribuindo ativamente de diferentes formas: na religião, na alimentação, no vestuário, nos transportes, na ciência, nas conquistas territoriais, na vida social, e até mesmo na cultura (DOTTI, 2012).

Estudiosos afirmam que a domesticação dos cavalos por humanos aconteceu pela primeira vez em territórios da Ucrânia, Rússia e em regiões do Cazaquistão, mas precisamente no sítio de Botaiem 7.500 a.C onde foram usados como montaria e que as éguas foram ordenhadas. Os únicos animais domésticos existentes na época eram os cavalos e os cães. Não possuíam bovinos ou ovinos e ainda não conheciam a roda. A partir de então, cavalos domésticos espalharam-se pela Europa e Ásia, reproduzindo-se com éguas selvagens diz a pesquisa publicada pela revista *Proceedings of the National Academy of Sciences* (NAVAS, 2009).

Na Mesopotâmia, os registros mais antigos mencionando o cavalo datam de 2.100 anos A.C. quando a carruagem tracionada por cavalos foi inventada. Eles foram encontrados em túmulos nas estepes eurásianas datados deste período, o que pode ser a sua origem. Daí a invenção espalhou-se através dos Elamitas para toda a Mesopotamia durante a terceira dinastia de Ur. Até o ano 1.800 a. C. a equitação não era praticada pelos nobres. Em 1779 a.C um conselheiro do rei Zimri-Lim de Mari, no Oriente Médio, alertava-o que não era nenhum desmerecimento para ele e a nobreza montar os cavalos ao invés de andar de carruagens. Ele iniciou a prática e foi logo seguido por toda a corte, foi isso que deu grande impulso ao desenvolvimento da equitação (COSTA, 2011).

Cerca de 1.400 antes de Cristo, no novo reino dos Hititas viveu Kikkuli na cidade de Mitanni, que escreveu o primeiro trabalho sobre adestramento e doma de cavalos. Na Idade do Bronze e do Ferro, o cavalo foi introduzido nas atividades de pastoreio na região da Eurásia, contribuindo significativamente no transporte (CAPOTE, 2011).

O cavalo foi o recurso mais usado pelo homem para deslocar-se em terra, sendo considerado o mais seguro e rápido até a invenção da máquina a vapor. Nas civilizações greco-romanas, esse animal tinha papel nos ritos fúnebres, sendo degolado e enterrado com seu dono, pois acreditava-se que assim está criatura prestaria no pós-morte o mesmo serviço que prestara durante a vida ao seu proprietário (DE COULANGES, 2006).

Pela rapidez, força, firmeza e coragem na guerra, o cavalo tornou-se o animal favorito de reis e faraós, surgindo muitas vezes como elemento decisivo para o sucesso de uma batalha. Isso aguçou a criação de lendas, mitos, folclores e etc. Deuses gregos e santos muitas vezes aparecem ao lado deste animal. Durante o ciclo do gado no Brasil, o cavalo era o animal favorito. O bom cavaleiro tinha prestígio social, religioso e até jurídico. Nos combates, essa condição lhe assegurava superioridade sobre aqueles que não montavam o próprio animal. O cavalo era a honra do cavaleiro. (RAMOS, 2005).

Sobre isso, Dote (2014) afirma que o cavalo é um animal que ao longo do tempo tem sido venerado pelo homem desde a origem de sua consciência, até o meio em que interage. Símbolo de força, de altivez, soberania, paixão e trabalho, o cavalo tem contribuído com o homem de forma exemplar nesses últimos milênios.

Lermontov (2004) afirma que ao domesticar o cavalo, o homem fez dele uma extensão do próprio corpo. Aprendeu com ele a ser forte e valente, e ampliou o contato com o mundo quando lhe foi possível percorrer longas distâncias em menos tempo. O cavalo

também possibilita ao homem entrar em contato com seu lado instintivo, adquirindo maior domínio sobre si mesmo.

No Brasil, os primeiros equinos chegaram a São Vicente em 1534, uma nova remessa chegou a Pernambuco em 1535 e Tomé de Souza trouxe uma terceira leva para a Bahia em 1549. Também vieram alguns burros e jumentos. Com o cruzamento das éguas com os jumentos foi criado um respeitável rebanho de mulas. No início do século XVIII a Coroa portuguesa proibiu estes cruzamentos que provocava a diminuição da oferta de cavalos que eram necessários nas campanhas militares de Portugal na África. Uma carta de Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, governador das Minas, para João V, datada de 1711, expôs as vantagens da recriação das tropas de cavalos em prol da infantaria na sua região, período em que o cavalo começou a substituir o boi (COSTA 2011).

Até a Revolução Industrial, no século XVIII, tal relação se caracterizava basicamente como utilitária, uma vez que os animais domesticados auxiliavam o homem em diversas atividades. Com as inovações tecnológicas, o ser humano deixou de depender tanto dos animais, que a partir de então passariam a ser vistos menos como instrumentos e mais como companheiros. Esse processo se estende até os dias atuais, em que o relacionamento entre os seres humanos e os animais vem se transformando, tornando-se cada vez mais afetivo (BAYNE, 2002).

Esta aproximação da relação entre cavalo e cavaleiro e o companheirismo que dessa interação se estabeleceu foram transpostos para a prática esportiva. O hipismo teve seu surgimento no século XX, sendo considerado esporte pela primeira vez nos jogos de 1900, em Paris, com provas de saltos. Tal acontecimento favoreceu o interesse de estudiosos pelos benefícios advindos dessa relação, pois na prática do hipismo cavalo e cavaleiro passaram a compartilhar o cuidado mútuo, seus sentimentos, vitórias e derrotas.

Sobre isso, Costa (2011) nos evidencia que a amizade entre o homem e o cavalo perpassa da locomoção ao esporte. Conduzindo os soldados nas guerras, participando das famosas caçadas à Inglaterra. O cavalo sempre foi presença obrigatória e bem amada na vida do homem. Hoje, raramente ele puxa um arado, foi substituído pelo automóvel. E cavalgar transformou-se num esporte: o hipismo praticado por homens, mulheres e crianças. O desenvolvimento da atividade ocorreu no século XX, com a criação das primeiras pistas com obstáculos exclusivamente para a prática de saltos.

Homem e animal passaram a ser mais próximos, e este ser humano voltou seu interesse para os aspectos comportamentais dos seus companheiros, interessando-se em perceber e reconhecer os sinais que transmitem. Tratando-se do mundo animal numa conjuntura social marcada pelo individualismo e pela competitividade, em que as pessoas tendem a se isolar, a presença do animal, que agora é de estimação, é significativa pois ajuda a amenizar a carência emocional dos tempos atuais (BECKER e MORTON, 2003).

Os benefícios da presença do animal na vida do homem são cada vez mais notórios e atingem vários aspectos da realidade humana, o que tem levado estudiosos a investigarem cientificamente os efeitos dessa relação sobre o sujeito humano. Muitas pesquisas demonstram que essa interação do homem com o animal de estimação tende a promover efeitos positivos no comportamento e saúde humanos (SERPELL, 1993 apud ALMEIDA et al. 2009).

Tem-se percebido que os animais possuem capacidades mais apuradas que os seres humanos para captar sentimentos e sensações, usando seus instintos e sua percepção da nossa expressão corporal. Segundo Dukes (2006) através do sentido do olfato esses seres podem identificar alterações químicas em nosso organismo, reconhecendo nosso estado de humor e de saúde em geral; e através do sentido da audição, percebem sons não captáveis pelo ser humano. Isso os torna potenciais agentes promovedores, colaboradores para a saúde e bem estar humanos.

A convivência entre o homem e o animal possibilitou uma integração e um entendimento que tornaram o cavalo muito apegado a seu dono em algumas realidades. Animal dócil, de porte e força, deixa-se montar, manusear e se transforma em amigo do homem, criando com ele relacionamento afetivo importante, sendo personagem em sua vida e ponto de contato sedutor com o mundo que o rodeia. O cavalo e o homem estabelecem relação harmoniosa e conseguem atuar juntos. O código usado nessa relação é o da afetividade, estabelecida graças à confiança recíproca (LERMONTOV, 2004).

Nessa conjuntura, a relação entre homem e cavalo ganhou novas proporções e agregou um caráter terapêutico ao animal. Dessa maneira, no próximo tópico me atentarei a este aspecto da relação entre homem x animal, caracterizando-a como um tipo de Intervenção Assistida por Animal - IAA.

### 3.1 As Intervenções Assistidas por Animais - IAA's

Entre as variadas formas de relação que os seres humanos estabelecem com os animais, tem uma função marcadamente terapêutica e que deu origem a uma Intervenção Assistida por Animais denominada Terapia Assistida por Animais – TAA.

Dotti (2012) relata que em 1944, nos Estados Unidos, a Cruz Vermelha promoveu o primeiro programa com animais visando saúde e bem-estar aos seus pacientes, estes eram encorajados a interagirem com os diferentes tipos de animais. No Brasil os primeiros registros de trabalho envolvendo animais foi com a Dra. Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro, na década de 1950.

No decorrer dos anos, o estudo e as pesquisas sobre a relação homem-animal e seus efeitos positivos evoluíram e hoje em dia, já existem organizações no Brasil e no Mundo que regulamentam programas de intervenções assistidas por animais, em suas diversas modalidades. Entre eles, posso citar: *Delta Society*, *IAHAIO* (Associação Internacional das Organizações Homem-Animal), ANDE (Associação Nacional de Equoterapia) BRASIL.

As Intervenções Assistidas por Animais - IAA's é um termo geral e amplo utilizado para descrever diversas ações que envolvam a relação entre humano e animal em atividades terapêuticas ou não. De acordo com a *Delta Society* existem dois programas de intervenções assistidas por animais: a Atividade Assistida por Animais - AAA's e a Terapia Assistida por Animais - TAA's.

A AAA propõe entretenimento, recreação, distração, motivação, informação e melhora da qualidade de vida, porém não tem a preocupação de uma análise dos pacientes, histórico, perfil e avaliação dos resultados. E a TAA é realizada por profissionais da área de saúde e é documentada e avaliada de forma a desenvolver e melhorar os funcionamentos físico, social, emocional e cognitivo das pessoas envolvidas no processo (CAPOTE; COSTA, 2011).

Além desses dois programas, atualmente profissionais de diversas áreas vêm pesquisando e vivenciando outras modalidades de Intervenções Assistidas por Animais. Entre elas destaco a Educação Assistida por Animais – EAA's e a Psicoterapia Assistida por Animais – PAA's.

Segundo Petenucci (2016) a EAA é uma ação pedagógica ampla que envolve a utilização dos animais em todo cenário educacional e com os diversos públicos. Este cenário

pode ser dentro ou fora da escola e pode ser voltada para todas as idades. Os programas mais comuns em EAA são os voltados para o incentivo à leitura, em que as crianças lêem para os cães e ações que visam à socialização das crianças e a redução da agressividade.

Ao se fazer uso da EAA, pode-se criar situações facilitadoras ao processo de ensino aprendizagem, uma vez que alguns estudos comprovaram que o contato com um animal eleva a autoestima, aumenta o foco atencional, permite melhoras na sociabilização por agirem como agentes socializadores, além de causar alterações fisiológicas que levam à diminuição da ansiedade e alívio dos sentimentos de medo, de desespero, de solidão e o isolamento. (NIH,1988; MELSON,1991 apud ABRAHÃO; CARVALHO, 2015)

De acordo com Ramos; Prado e Mangabeira (2016) na área da Psicologia refere-se à Psicoterapia com Intervenções Assistidas por Animais. Onde as sessões devem ser acompanhadas por um psicólogo devidamente habilitado que avalie, conduza e acompanhe tanto o paciente quanto o animal co-terapeuta, assim como a interação de ambos.

Oliveira (2007) apud Borba (2015b, p. 257) afirma que o vínculo afetivo<sup>2</sup> que o paciente estabelece com o animal é o primeiro passo para o sucesso da terapia, pois abre caminho para a comunicação com o terapeuta. Além disso, se o paciente tiver a oportunidade de presenciar a atitude do terapeuta com os animais, isto claramente servirá de exemplo, gerando mais confiança no desenvolvimento da relação com o profissional.

Sendo assim, a função do animal neste contexto é de ser um facilitador para o trabalho do psicólogo, podendo este atuar nas diversas abordagens psicológicas. Nesse sentido, o animal auxiliará o terapeuta a ter acesso as mais variadas vivências do indivíduo assim como irá propiciar uma facilitação do vínculo nessa tríade (animal-humano-terapeuta), ou seja, o animal como co-terapeuta.

A Equoterapia é um tipo de Intervenção Assistida por Animal – IAA também caracterizada por ser uma Terapia Assistida por Animal - TAA, especificamente, é uma terapia assistida por cavalos. Foi nesta modalidade terapêutica e na vivência com estes animais que trabalhei por aproximadamente um ano em um órgão público estatal.

Essa terapia consiste em utilizar os efeitos que a presença do animal provoca no ser humano, de forma orientada e objetiva visando à obtenção ou melhora da saúde daquele

---

<sup>2</sup> Não há uma única definição para o conceito de afetividade. Nas Intervenções Assistidas por Animais se faz referência à idéia de emoções e sentimentos. De qualquer forma, tanto os sentimentos quanto as emoções fazem parte da afetividade humana. Sendo assim, analiso que podemos pensar no vínculo afetivo como um elo que liga e aproxima homem e animal através dessa afetividade.

sujeito humano envolvido nessa relação. Trata-se de uma prática com critérios definidos em que o animal é o protagonista na promoção da melhora dos aspectos físico, emocional, cognitivo e/ou social de pacientes humanos (MACHADO et al., 2008).

A Equoterapia possui aspectos específicos e amplos que considero de suma importância para o seu entendimento, sendo assim, o capítulo 4 deste trabalho é dedicado à descrição da Equoterapia, seu conceito e suas características.

## 4 EQUOTERAPIA

A palavra “Equoterapia” foi criada no Brasil, pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL). A ANDE-BRASIL é uma sociedade civil, de caráter filantrópico, terapêutico, educativo, cultural, desportivo e assistencial, sem fins lucrativos, fundada em 10 de maio de 1989 e situada em Brasília/DF (ANDE-BRASIL, 2002).

De acordo com a ANDE-BRASIL (2010) a Equoterapia consiste em um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com limitações e/ou com necessidades especiais. Por trás da palavra Equoterapia existem motivos que respaldam a escolha do termo. Existem três razões que os levaram a escolha do termo atualmente utilizado, como se percebe a seguir:

A palavra Equoterapia, criada pela ANDE-BRASIL, foi registrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial - INPI, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio em 1999, com o Certificado de Registro de Marca n.º 819392529, de 26 de julho de 1999. As razões que levaram a escolha do termo Equoterapia são: (1) homenagear a língua mãe - o latim - adotando o radical equo que vem de equus; (2) homenagear o pai da medicina ocidental, o grego Hipócrates de Loo (458 a 377 a.C.), [...], adotou-se, então, terapia que vem do grego *therapeia*, parte da medicina que trata da aplicação de conhecimento técnico-científico no campo da reabilitação e reeducação; (3) quem utilizasse a palavra Equoterapia, totalmente desconhecida até então, estaria engajado nos princípios e normas fundamentais que norteiam esta prática no Brasil, o que facilitaria o reconhecimento do método terapêutico pelos órgãos competentes (ANDE-BRASIL, 2010, p.10).

### 4.1 Percurso Histórico da Equoterapia

#### 4.1.1 Equoterapia no Mundo

Esse método terapêutico é visto como uma terapia atual, principalmente no Brasil, onde sua fundação ocorreu há apenas vinte e oito anos, ainda padecendo de visibilidade. Porém há relatos sobre o uso da equitação com fins terapêuticos em diversos lugares do mundo, desde a antiguidade. Conforme se percebe na declaração de Frazão (2001, p. 3):

Na antiguidade (458–370 a.C.), essa técnica já era utilizada para prevenção e tratamento da insônia, entre outros males, e na recuperação de militares acidentados na guerra Asclepíades da Prússia (124 – 40 a.C.) aconselhava a equitação como tratamento para epilepsia e em diversos casos de paralisia. Os escandinavos foram os primeiros a utilizar o cavalo como terapia, incentivando o nascimento de outros centros na Alemanha, França e Inglaterra.

Esta prática, que se utiliza dos movimentos de deslocamento do cavalo, foi descrita por Hipócrates de Loo (458 a 377 a.C.), que em seu livro "Das Dietas" foi pioneiro ao recomendar andar a cavalo para regenerar a saúde e proteger o corpo humano de muitas doenças, sendo ainda, utilizado no tratamento da insônia e na melhoria do tônus dos cavaleiros (ALBUQUERQUE, 2004).

Com o passar do tempo, outros estudiosos também recomendaram o uso do cavalo no processo de reabilitação humana, sendo eles: Galeno (130-199 d.C.); Merkurialis (1569); Thomas Sydenham (1624-1689); Castel (1734); Samuel Quelmals (1687-1758), que fez a primeira referência ao movimento tridimensional do cavalo; John Pringle (1707-1782); Giuseppe Benvenuti (1772); Tissot (1782); Goethe (1740-1832), que reconheceu o valor salutar da equitação pelo benefício na distensão da coluna vertebral, favorecida pelas oscilações às quais o cavaleiro é submetido, adaptando-se ao movimento do cavalo, como também pelo estímulo delicado, porém constante feito à corrente sanguínea; Gustavo Zander (1890); De Lubersac (1965); Lalleri (1965); e, Killilea (1963) (ANDE-BRASIL, 2002).

Após a Primeira Guerra Mundial, o cavalo entrou definitivamente na área da reabilitação, sendo empregado como instrumento terapêutico nos soldados sequelados do pós-guerra. Os países escandinavos foram os primeiros a utilizá-lo com tal finalidade, obtendo resultados muito satisfatórios, estimulando o nascimento de outros centros terapêuticos na Alemanha, França e Inglaterra (ANDE-BRASIL, 2002).

O referido método também foi recomendado para diversos pacientes portadores de variadas patologias que, devido a isto, eram excluídos do meio social. Uma das grandes percussoras do uso do método em estudo foi Liz Hartel, que fazia uso para o tratamento de portadores de deficiência, sendo que esta jovem amazona foi acometida por um tipo de patologia, a *poliomielite*.

De acordo com Lermontov (2004) Liz Hartel foi a grande inspiração para o início da equitação terapêutica moderna para portadores de deficiência, na Dinamarca. Vítima da poliomielite em 1943 e limitada a uma cadeira de rodas, Liz Hartel foi medalha de prata em adestramento nos Jogos Olímpicos de Helsinky, Finlândia, em 1952, competindo com os melhores cavaleiros do mundo. Essa façanha foi repetida quatro anos depois, nas Olimpíadas de Melbourne, em 1956. A partir desse feito, a classe médica despertou o interesse pelo programa da atividade equestre como meio terapêutico.

A partir do interesse da classe médica pela atividade eqüestre como meio terapêutico, estas atividades passaram a ganhar cada vez mais o caráter científico; o meio acadêmico passou a aceitar e discutir a temática, fomentando as pesquisas e os estudos acerca do assunto. Como relata a ANDE-BRASIL (2002) em 1965, a Universidade de Salpetrièri incluiu a Equoterapia como matéria didática. Em 1972, na Universidade de Paris-Val de Marne, foi defendida a primeira tese de Equoterapia pela Dra. Collete Picart Trintelin.

De acordo com Frazão (2001) atualmente pelo menos dos 217 países do mundo, 30 nações dessas adotam essa modalidade terapêutica, para fins de saúde, educação e reinserção social do praticante (termo designado à pessoa em atendimento na Equoterapia), dentre essas, o Brasil. Percebo então, em geral, a organização e preocupação ao redor do mundo para tratamento da saúde de crianças, jovens e adultos utilizando-se do cavalo como agente terapêutico.

#### 4.1.2 Equoterapia no Brasil

No Brasil o tema da Equoterapia não possui grande divulgação, o que contribui para o aumento no número de indivíduos que desconhecem o referido método e suas vantagens, quadro este que difere de outros países. O marco da valorização da Equoterapia no Brasil data-se de 1989, na Granja do Torto, em Brasília, que até hoje sedia a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE), criada para servir de referência nacional da prática.

Diante disso, foi também pontual que após a criação da ANDE-BRASIL o tratamento tomou impulso científico, sendo reconhecido como método terapêutico em 1997 pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), em Sessão Plenária de 09/04/1997 e Parecer 06/97, nos seguintes termos: "Somos, portanto, pelo reconhecimento da Equoterapia como método a ser incorporado ao arsenal de métodos e técnicas direcionadas aos programas de reabilitação de pessoas com necessidades especiais" (ANDE-BRASIL, 2010).

Em seguida, a Equoterapia foi também reconhecida, como método terapêutico por meio da Resolução n° 348, de 27 de março de 2008, que dispõe sobre o reconhecimento da Equoterapia como recurso terapêutico da Fisioterapia e da Terapia Ocupacional e dá outras providências.

Ressalto que de acordo com a ANDE-BRASIL (2010) o psicólogo deve estar obrigatoriamente presente na equipe multidisciplinar da Equoterapia, entretanto, a prática

deste profissional na Equoterapia ainda não é reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia. Isto evidencia a relevância de estudar e pesquisar sobre temáticas que envolvam a Psicologia e a Equoterapia.

Notadamente os centros de Equoterapia vão sendo criados em um local ou outro no Brasil, sendo em sua maioria localizados no Rio de Janeiro, São Paulo e Sul do país, o que contrasta com os Estados Unidos, que constroem um centro de Equoterapia para cada região, denominado de North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) (MEDEIROS; DIAS, 2002).

#### 4.1.3 Equoterapia no Maranhão

De acordo com Barros (2016) no Estado do Maranhão, a Equoterapia tem início em outubro de 2001 no Esquadrão de Polícia Montada (EPMont), com o impulso da implantação da Escolinha de Equitação para a prática do hipismo, realizada pelo Coronel Francisco Mariotti, que possibilitou a procura dos conhecimentos da equitação com os cursos fora do Estado.

Na busca da implantação da Equoterapia no Maranhão, destaca-se o Capitão da reserva remunerada Péricles Borges de Oliveira e a psicóloga e veterinária Yelma, que em 1995 apresentaram o primeiro projeto para criação de um núcleo de Equoterapia. Após seis anos, o Major Silmar Trebian, comandante na época do Esquadrão de Polícia Montada (EPMont), autorizou em 2001, a primeira prática equoterápica em uma criança com paralisia cerebral (BARROS 2016).

No dia 24 de fevereiro de 2005, o governador do estado, José Reinaldo Tavares, através do Decreto nº 21.021 de 20 de janeiro de 2005, inaugurou o primeiro Centro de Equoterapia do Estado do Maranhão, situado no Quartel do 1º Esquadrão de Polícia Montada da Capital, construído com trabalhos de policiais militares e com doações de pais de praticantes, voluntários, empresários e pessoas da sociedade de modo geral.

Atualmente existem dois centros de Equoterapia no estado do Maranhão, ambos criados e administrados pela Polícia Militar do Maranhão (PMMA). O primeiro está situado no Quartel do 1º Esquadrão de Polícia Montada da Capital. O segundo centro de Equoterapia está situado na cidade de Caxias - MA, no Quartel do 2º Batalhão da PMMA e foi inaugurado este ano.

O corpo de profissionais destas instituições locais é composto por profissionais com nível superior nas áreas de educação e saúde além de profissionais voluntários e equitadores. A rotatividade dos profissionais voluntários é bem ampla. A equipe fixa de policiais que atendem na PMMA no Centro de Equoterapia em São Luís atualmente está no quantitativo de dez profissionais, entre estes: fisioterapeutas, psicólogos, terapeuta ocupacional, médico veterinário e equitadores. O atendimento é oferecido de maneira gratuita à comunidade com ingresso a partir da chamada da instituição que obedece à uma lista de espera orientada por data de inscrição.<sup>3</sup>

A psicóloga que integra a equipe do Centro de Equoterapia supracitado, Silvia Helena Cutrim Tavares, defendeu no ano de 2016 sob a orientação do Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba, a primeira monografia na Universidade Federal do Maranhão – UFMA abordando a temática da Equoterapia com o título do trabalho: “O Psicólogo na Equoterapia.”

## **4.2 Características Gerais da Equoterapia**

Em decorrência das especificidades e termos utilizados na Equoterapia, neste tópico irei discorrer acerca das suas características gerais, tidas por mim, através da minha vivência e da minha pesquisa, como fundamentais para o entendimento da Equoterapia. Irei abordar nos tópicos seguintes: o atendimento na Equoterapia com ênfase nos seus programas e fases, a equipe multidisciplinar, o cavalo na Equoterapia e os seus benefícios, as indicações e contra-indicações da terapia.

### **4.2.1 O atendimento na Equoterapia**

O atendimento na Equoterapia tem como protagonista terapêutico o cavalo, portanto, o atendimento se configura entre praticante em interação com o cavalo e uma equipe multidisciplinar que facilita essa interação. Sendo eles profissionais da área da saúde, educação e hipismo. “O praticante” é o termo utilizado para designar a pessoa com deficiência e/ou com necessidades especiais quando em atividades equoterápicas. Nesta atividade, o sujeito do processo participa de sua reabilitação, na medida em que interage com o cavalo.

---

<sup>3</sup> Essas informações são oriundas de pesquisa direta e não estão registradas em nenhum documento.

De acordo com Cunha et. al. (2016) o indivíduo submetido ao tratamento aprende padrões de movimentos coordenados para manter seu centro de gravidade sobre sua base dinâmica de suporte, que é criado pelo movimento do cavalo. Assim, ele se transforma em um participante ativo do processo da terapia, e isso promove a reflexão a respeito da substituição da palavra paciente por praticante.

Durante a sessão de Equoterapia são atribuídas fases, estas denotam um caráter de início, meio e fim à sessão. Nascimento (2010) as denomina de fases da progressão terapêutica. São elas: aproximação, descoberta, educativa ou montaria e separação.

Na fase de aproximação, inicialmente são propostas atividades em que o praticante participe ativamente, criando assim o enlace afetivo, diminuindo gradativamente à distância entre ela e o cavalo (MEDEIROS; DIAS, 2002). Essas atividades incluem desde o alimentar com uma cenoura, a limpeza e encilhagem do animal, passar a mão pelas partes do corpo do animal, dar banho, escovar o animal, conversar com o mesmo, fazer carinho.

Figura 1 – Criança com o cavalo



Fonte: <https://www.ourofinosaudeanimal.com/blog/os-beneficios-da-equoterapia/?page=5>

Esta fase caracteriza o confronto do praticante com o cavalo, confronto que é determinante quanto ao futuro da tentativa terapêutica. Deve ser progressiva, paciente e não forçada, com o mediador facilitando o processo. Deve ser explorada a capacidade do praticante vencer o medo do desconhecido e/ou possível indiferença (NASCIMENTO, 2010).

É um momento indispensável ao tratamento, uma espécie de adaptação do paciente à prática, e tudo a ela associado, o ambiente, os terapeutas e principalmente, o cavalo. Em cada atividade dessas, estimula-se a troca de afeto entre cavalo e paciente e vice versa. Tanto animal quanto sujeito estão em uma situação nova, diante de desconhecidos, então o contato deve se dá de forma gradual (ANDE- BRASIL, 2012).

É fundamental que sejam respeitados os limites do praticante, assim como os do animal. É imprescindível que os profissionais estejam atentos para não os excederem, uma vez que essa fase marcará todo processo terapêutico. Posto que, é o primeiro contato do praticante com o ambiente, com a equipe e muitas vezes com o cavalo, este animal grande e forte, que pode assustar à primeira vista.

Dessa maneira, essa fase deve ser encarada com muita seriedade e paciência, e sua duração dependerá do quanto o praticante e o animal estão a vontade um com o outro e com os profissionais que mediam o processo. A má condução desse processo atrapalha o tratamento e pode levar até mesmo à desistência por parte do praticante e/ou do cavalo.

Na fase de descoberta, vencida a fase de aproximação, inicia-se a exploração do cavalo pelo praticante, despertando seu interesse. Pode ocorrer no solo ou na montaria parada. Podem surgir reações adversas tais como: medo, alegria, agressividade, gritos, passividade, agitação, etc. (NASCIMENTO, 2010). Nesta fase podemos propor que o praticante monte no cavalo parado ou leve ele para passear, por exemplo. É um passo importante em direção a realização das atividades montado a cavalo.

A fase educativa ou de montaria, segundo Medeiros e Dias (2002), representa a fase central da sessão, em que o praticante irá realizar as atividades propostas sobre o dorso do animal. Nesta fase podem ser realizadas atividades lúdicas, psicomotoras, de alongamento, educativas. A programação das atividades realizadas no dorso do cavalo é indicada de acordo com a avaliação e o planejamento da equipe e de acordo com o contato presente entre cavalo, animal e equipe.

No decorrer da montaria são realizadas as atividades predefinidas pela equipe, que é composta, geralmente, por três profissionais: o auxiliar-guia, equitador que conduzirá o cavalo; o auxiliar-lateral, profissional de saúde ou educação que acompanhará lateralmente o praticante seguindo as orientações do mediador; e o mediador, profissional de saúde ou educação que estará à frente da sessão equoterápica, conduzindo-a (ANDE BRASIL, 2010).

Figura 2 – Atividades Psicomotoras na Equoterapia



Fonte: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/>

Por último, ocorre a fase de separação que significa o término da atividade sobre o dorso do cavalo. São propostas atividades conclusivas no solo que compreendem: desencilhar o animal (retirar o material do cavalo: manta, freio, rédea), dar banho, por exemplo (MEDEIROS; DIAS, 2002). O momento da ruptura entre o cavalo e o praticante necessita de atenção especial por parte do terapeuta, afim de que seja sempre positiva (NASCIMENTO, 2010).

Após a montaria, temos o encerramento da sessão, com o apeamento (descida do cavalo) do praticante. É interessante que nesse momento, sejam propostas atividades como abraçar e fazer carinhos no cavalo, tirar seu material, levá-lo ao local em que costuma ficar (baia ou potreiro), para mediar o praticante “na estruturação da noção de acontecimentos (início, meio e fim), fundamental para a concretização da estruturação temporal” (MEDEIROS; DIAS, 2008).

Os atendimentos equoterápicos são realizados normalmente em sessões semanais. A duração das sessões pode ser de até 30 (trinta) minutos pois um tempo maior exigiria muito do praticante fisicamente, uma vez que o cavalo ao passo tem um ritmo cuja “frequência é de 1 a 1,25 movimentos por segundo, levando o cavaleiro a realizar de 1.800 a 2.250 ajustes tônicos em trinta minutos de sessão” (LERMONTOV, 2004).

Percebi durante os atendimentos em que participei que muitos pais ou responsáveis ao notar melhoras significativas do praticante com a Equoterapia, negligenciavam outras atividades e/ou terapias, como a fisioterapia e a psicoterapia. Ressalto que por mais benefícios que este tipo de terapia traga, ela não se sobrepõe as demais, mas as complementa.

Enquanto membro da equipe que acompanhava os praticantes, notava que aqueles que adicionavam a Equoterapia na sua rotina obtinham uma evolução adiantada em relação àqueles que a utilizavam como único método terapêutico e/ou de reabilitação.

Medeiros e Dias (2002) afirmam que a Equoterapia vem como um tratamento de suporte, porém fundamental, conseguindo abranger um amplo espectro da deficiência, visando à universalidade do ser humano nos aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais.

Sendo assim, a Equoterapia não deve ser um substituto, ela deve ser considerada uma terapia complementar, que combinadas com as demais indicações de terapias ou atividades colaboram para o desenvolvimento biopsicossocial do praticante.

É de fundamental importância a avaliação global do praticante para que se possa traçar objetivos de tratamento e condutas específicas (MEDEIROS E DIAS, 2008). Após a avaliação dos profissionais, o praticante será designado a um determinado programa.

De acordo com Queiroz (2017) na Equoterapia existem programas que levam em consideração as características individuais dos praticantes em determinada evolução de seu processo terapêutico. Ressaltamos que segundo a equipe de Equoterapia, não necessariamente, o praticante passará por todos esses programas, pois, isto varia de condições físicas, cognitivas e emocionais, de acordo com o desempenho funcional, vivências anteriores e adaptação a Equoterapia. Este método terapêutico se divide em quatro programas específicos: Hipoterapia, Educação/Reeducação, Pré-esportivo e Esportivo Adaptado.

Na Hipoterapia é atribuído ao cavalo o papel de agente cinesioterapêutico, o praticante neste programa recebe o apoio dos terapeutas nas laterais do animal e possui um condutor / auxiliar guia (é o equitador que conduzirá o cavalo), por não ser independente em algumas situações sobre o cavalo (FORESTI, 2014).

O programa de Educação / Reeducação é aquele em que o praticante é mais atuante junto ao cavalo, com condições de interagir com ele e até conduzi-lo. Necessita, portanto, em menor grau da ação do auxiliar-guia e do auxiliar-lateral (os auxiliares laterais

são os profissionais que acompanham o praticante ao lado do cavalo). O sujeito se relaciona de forma mais autônoma tanto com o animal quanto com o ambiente e a equipe de terapeutas. Os profissionais que atuam mais enfaticamente são os das áreas de educação e equitação, e o cavalo torna-se, sobretudo, um agente pedagógico (ANDE BRASIL, 2012).

No programa Pré-esportivo o praticante é mais independente e consegue conduzir com habilidade o cavalo, chegando a realizar exercícios de hipismo. Com essas atividades pretende-se a melhora da qualidade de vida do praticante e sua inserção/reinserção social, e o cavalo é um agente nesse sentido (ANDE-BRASIL, 2010).

O programa mais avançado é o Esportivo Adaptado. De acordo com Medeiros e Dias (2008) é caracterizado pela inserção do praticante em uma modalidade esportiva. O sujeito tem pleno domínio sobre o cavalo, demonstrando habilidade não só para conduzi-lo, mas também para participar de competições paraequestres. Nesse momento são estimulados aspectos como autoestima, autoconfiança, autonomia, assim como melhoria do bem-estar e estímulo ao prazer pelo esporte.

A escolha dos profissionais que comporão o atendimento e a definição do mediador será feita pela equipe antes da sessão e dependerá do diagnóstico e necessidades do praticante, podendo sofrer alterações a cada sessão, de acordo com a evolução do praticante no tratamento e com os objetivos terapêuticos traçados para ele (MEDEIROS; DIAS, 2008).

#### 4.2.2 A equipe interdisciplinar

A prática da Equoterapia é realizada por equipe multiprofissional que atua de forma interdisciplinar. A equipe multiprofissional deve ser a mais ampla possível, envolvendo profissionais das áreas de saúde, educação e equitação, especializados na reabilitação e/ou educação de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais, tais como: fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, psicólogo, professor de educação física, pedagogo, fonoaudiólogo, assistente social e outros (CUNHA, ET. AL., 2016).

De acordo com a ANDE BRASIL (2010) o melhor é que a equipe seja a mais ampla possível porque dessa maneira ocorre o diálogo entre diversas áreas do saber em prol do desenvolvimento do praticante. Entretanto, há uma exigência de que para formar uma equipe básica na Equoterapia a composição mínima do centro deve ter: um fisioterapeuta, um psicólogo e um profissional de equitação, obrigatoriamente.

Acrescento aqui, a importância da presença do médico veterinário na equipe equoterápica. Tendo em vista que o cavalo é o protagonista da Equoterapia e sua saúde e bem estar devem ser colocados como prioridade, anterior ao início de qualquer atividade. Ademais, considero importante que comecemos a pensar em outras profissões ainda não citadas nas publicações pesquisadas, como a de zootecnista.

De acordo com a ANDE BRASIL (2010) há necessidade de um médico que atue como orientador e consultor técnico para as atividades desenvolvidas pelo centro de Equoterapia. O médico poderá fazer a avaliação clínica quando o praticante não tiver sido avaliado pelo seu próprio médico, com o objetivo de indicar, com preocupações ou contra indicar a prática de Equoterapia.

Sendo assim, o papel do médico neste contexto não é o atendimento propriamente dito, ou seja, realizar o atendimento a cavalo com os demais profissionais. Entende-se que sua função é de pré-atendimento, a realização da avaliação e devido encaminhamento, como também emitir orientações à equipe que acompanha os atendimentos do praticante com o cavalo cotidianamente.

O médico se diferencia dos demais profissionais à medida que não realiza o acompanhamento dos atendimentos em campo, não observa diretamente a relação dos praticantes com o animal. Neste sentido, coloco aqui o questionamento a essa função direcionada ao médico de orientar as equipes de Equoterapia sem um envolvimento real e direto no processo.

É o médico que diz se o praticante pode ou não praticar Equoterapia, baseando-se em diagnósticos, reduzindo as possibilidades do sujeito à pré determinações. Penso que o mais adequado seria o médico ser colocado em par de igualdade com os demais profissionais que atuam na equipe, acompanhando os atendimentos de maneira rotineira e realizando suas análises a partir de evidências presentificadas e não apriorísticas.

#### 4.2.3 Indicações e contra-indicações

Segundo a ANDE BRASIL (2010) para que possamos ter uma sessão segura e evitar aumentar a deficiência dos cavaleiros, pois se trata de pessoas frágeis, devemos tomar alguns cuidados específicos. O futuro praticante de Equoterapia deverá também passar por

uma avaliação clínica, pelo seu próprio médico ou pelo médico da equipe que irá atendê-lo, com o objetivo de indicar ou contra-indicar a prática de Equoterapia.

Medeiros e Dias (2002) indicam o tratamento equoterápico nos seguintes casos: paralisia cerebral, déficits sensoriais, atraso maturativo, síndromes neurológicas, acidente vascular cerebral; traumatismo cranioencefálico; sequelas de processos inflamatórios do sistema nervoso central (meningo-encefalite e encefalite); lesão raquimedular; autismo; hiperatividade; deficiência mental; dificuldades de aprendizagem; alterações do comportamento; psicoses infantis, dentre outros. Da mesma maneira, autores também descrevem contra-indicações:

Para a prática da Equoterapia, as contra-indicações são: excessiva lassidão ligamentar das primeiras vértebras cervicais; epilepsia não controlada; cardiopatias agudas; instabilidade da coluna vertebral; graves afecções da coluna cervical, como hérnia de disco, luxações de ombro ou de quadril; escoliose em evolução; hidrocefalia com válvula; processos artríticos em fase aguda; úlceras de decúbito na região pélvica ou nos membros inferiores; epífises de crescimento em estágio evolutivo; doenças de medula com o desaparecimento de sensibilidade dos membros inferiores (todavia são conhecidos vários paraplégicos que continuam a praticar a Equoterapia); pacientes com comportamentos autodestrutivos ou com medo incoercível; geralmente todas as afecções em fase aguda; hemofílicos e leucêmicos (dependendo do caso) (LERMONTOV, 2004, p.79).

No centro de Equoterapia em que tive a vivência de voluntária não eram admitidos praticantes com menos de dois anos de idade. Neste contexto, Barros (2016) explica que têm-se ainda as contra-indicações direcionadas à crianças com idade inferior a dois anos devido à incapacidade de absorção do excesso de estímulo no sistema nervoso infantil.

Importante frisar que a literatura científica discorre sobre indicações e contra indicações para a prática da Equoterapia. Entretanto, alguns autores divergem em uma ou outra indicação e contra indicação. Desta forma, torna-se imprescindível e obrigatória que ocorra a avaliação multiprofissional com o encaminhamento prescrito para a Equoterapia. Será essa avaliação que de fato irá proporcionar o parecer favorável ou não da prática equoterápica.

Ademais, podemos perceber que as contra-indicações relatadas anteriormente deixam subentendido que a pessoa não poderá realizar a Equoterapia porque ela precisa montar no animal, e essa montaria lhe traria prejuízos em função de sua condição diagnóstica. Relatarei mais adiante no trabalho que podemos repensar essas contra-indicações se levarmos em consideração que a técnica de montaria não precisa ser obrigatória. A interação e o afeto

advindo da relação entre praticante e cavalo trazem por si só ganhos psicológicos e ou/emocionais através da possibilidade de empatia e vínculo entre ambos.

#### 4.2.4 O cavalo na Equoterapia e seus benefícios

O uso do cavalo como agente terapêutico ganhou importante impulso por conta do movimento tridimensional que ele realiza. Esse movimento é análogo à marcha do homem. Durante sua andadura natural (ao passo) o cavalo desencadeia o movimento tridimensional: para cima e para baixo, para um lado e para o outro, para frente e para trás. Este movimento ocasiona diversos estímulos nervosos no praticante que está montado nele, trazendo diversos benefícios físicos (CUNHA ET. AL., 2016)

O cavalo possui três tipos de andaduras: ao passo, ao trote e o galope. Ao passo é a andadura mais lento do cavalo. De acordo com Lermontov (2004) a prevalência da andadura ao passo é o ideal para o cavalo inserido na Equoterapia devido a sua regularidade. De acordo com Dias e Medeiros (2002) é um passo uniforme, ritmado, que pode tornar-se para o cavaleiro um embalo, não produzindo um impacto em quem monta, permitindo a este permanecer em íntima relação com o animal. Além disso, é a andadura mais freqüente por conta da riqueza dos movimentos tridimensionais.

Para que se tenha um melhor entendimento das andaduras do cavalo podemos compará-las com as marchas humana. A andadura ao passo pode ser comparada com a caminhada humana, a mais leve de todas as andaduras. O trote pode ser comparado à uma caminhada acelerada. O galope pode ser relacionado à corrida humana, já que demanda maior esforço físico tanto do animal como do cavaleiro.

Ao passo o cavalo está o tempo todo desequilibrando o praticante que busca o seu ponto de equilíbrio. Provoca, também no praticante, uma constante contração e relaxação dos músculos fortalecendo-os. Transmitem impulsos ritmados para os músculos das pernas e do tronco. Mesmo quando o cavalo está ao passo ele realiza outros movimentos, como alongar o pescoço, virar a cabeça para um lado e outro e até quando para provoca no praticante uma readaptação muscular para conseguir equilibrar-se. Como evidencia Jesus (2017, p.7):

Posicionando o praticante em diversas posições sobre o cavalo conseguimos trabalhar diferentes grupos musculares atingindo músculos profundos que normalmente não se consegue em terapias convencionais. O ritmo do passo tem uma freqüência de um a um e vinte e cinco movimentos por segundo, fazendo com que o cavaleiro realize um mil e oitocentos a dois mil e duzentos e cinquenta ajustes

tônicos em trinta minutos de sessão. Os movimentos causados na pelve do praticante geram impulsos transmitidos ao seu cérebro numa frequência de 180 oscilações por minuto que acionam o sistema nervoso para produzir as repostas visando à continuidade do movimento e permitir o deslocamento e uma nova conscientização corporal.

Entre os benefícios sensoriomotores e perceptomores podemos citar: obtenção ou melhora no equilíbrio; coordenação motora; melhora na postura; relaxamento ou aumento do tônus muscular; alongamento e flexibilidade muscular; dissociação de movimentos; esquema e imagem corporal; melhor circulação e respiração; integração dos sentidos; cognição; fala e linguagem; melhoras na digestão e deglutição; controle da salivação; fadiga; melhoria nas atividades cotidianas em geral; organização espacial e temporal, lateralidade; força muscular; melhora nos padrões anormais através da quebra dos padrões patológicos. (MEDEIROS E DIAS, 2002; LERMONTOV, 2004).

Do ponto de vista psicológico, o cavalo tem características específicas que respaldam o seu atributo terapêutico. A harmoniosa interação entre humano e cavalo e a facilidade pela qual ocorre a formação de vínculo afetivo entre ambos; a inteligência do cavalo, com facilidade para aprender novos comportamentos; seu uso histórico e seu porte avantajado carregado de representações e simbolismo contribuem para que ele ocupe essa função terapêutica.

Assim escreve Martinez (2005 p. 28) “usa-se o cavalo por motivos psicológicos, como a sensação de força e de poder que está indissolúvelmente ligada ao cavalo. Ao longo dos milênios, foi montado no cavalo que o homem conquistou e dominou seus adversários”.

Corroborando com esse pensamento, Brentegani (2017) enfatiza que toda a evocação do cavalo, animal símbolo, remete a noções culturais profundamente interiorizadas. A representatividade do cavalo enquanto força e poder devido seu porte físico e todo o uso e imaginário criado ao longo da história pela relação entre homem e cavalo, desencadeiam em nós humanos a própria sensação de força e poder quando estamos montados nele.

Enquanto observadora dos atendimentos na Equoterapia, chamou-me a atenção o empoderamento no qual as atividades a cavalo trouxeram àqueles praticantes. Pessoas com deficiências ou necessidades especiais tendem a olhar o mundo de baixo pra cima, seja por conta de sua condição (como o uso de cadeira de rodas, por exemplo) ou, de modo figurado, ao se curvarem diante dos olhares preconceituosos da sociedade.

Montar à cavalo e se sentir capaz de conduzir um animal de porte avantajado, forte, simbolicamente carregado de “poder” e olhar o mundo em uma perspectiva que outrora

não estavam acostumados (de cima pra baixo) colocam o praticante em um lugar de abertura de possibilidades, de autonomia e conseqüentemente de resgate da sua própria auto-estima. Sobre a auto-estima, Brentegani (2017) acrescenta que ele (o cavalo) permanece um ser que deve ser cativado e cuja dominação passa, através dele, pela auto-estima de si mesmo.

De acordo com Jesus (2017) a inteligência do cavalo permite que ele possa ser educado e que se adapte facilmente ao uso que lhe é destinado. Destaco que trata-se de um animal de porte e força, que se deixa manusear e montar. Dessa forma, o praticante e o cavalo criam um relacionamento afetivo importante, onde se estabelece uma relação harmoniosa de atuação mútua, ou seja, cavalo e cavaleiro se atendem e se respeitam. Podemos facilmente perceber esse tipo de interação também no esporte, o hipismo é uma excelente ilustração de como essa combinação de afetividade e facilidade do cavalo em aprender novos comportamentos podem ocasionar grandes feitos e fiéis amizades.

A Equoterapia é uma terapia que se diferencia das terapias “tradicionais”. De acordo com Marcelino e Melo (2006) são inúmeros os estímulos relacionados ao cavalo. Seu ambiente é natural, diferenciado da área urbana, constituído por picadeiro (piso em terra) e área exterior onde podem ser encontrados outros animais, plantas, arvores, balas, etc. Esta em nada se parece com a terapia cliente-paciente, em uma sala fechada, como ocorre nos consultórios. O setting terapêutico da Equoterapia é ao ar livre, é o ambiente no qual o cavalo está familiarizado. Ou seja, o praticante fica em contato íntimo com a natureza e todas as possibilidades que este ambiente pode propiciar.

O diferencial de utilizar o animal e de estar em contato íntimo com a natureza me remete a sensação de liberdade, ambiente ideal para aguçar a curiosidade e conseqüentemente a criatividade, a imaginação dos praticantes e o interesse pelo mundo exterior. Além de facilitar o processo de aprendizagem, tendo em vista o caráter lúdico e prazeroso envolvido neste contexto. A autonomia de ir e vir e a independência para se locomover também geram ganhos emocionais, levando em consideração que são muitas as limitações impostas às pessoas com deficiências ou necessidades especiais em seu cotidiano.

No que diz respeito a ganhos sociais, em sua pesquisa Jesus (2017) aponta que notou-se que o praticante a cada sessão se socializava melhor com os integrantes da equipe, além da significativa melhora no tratamento. Outro elemento fundamental para o tratamento foi o envolvimento do praticante com o animal, a relação de afeto adquirida e a relação com o ambiente natural onde as terapias aconteceram.

Por meio da relação com o cavalo, o praticante pode aprender a controlar suas emoções iniciais como o medo, enfrentando o desafio de montá-lo e, sentado numa posição superior, direcioná-la. Cavalgar um animal dócil, porém de porte avantajado, leva o praticante a experimentar sentimentos de liberdade, independência e capacidade: sentimentos esses importantes para a aquisição de auto-confiança, realização e auto-estima (MARCELINO E MELO, 2006).

Os benefícios psicossociais proporcionados pela Equoterapia são adquiridos através da motivação que impulsiona o indivíduo pelo desejo e prazer, conseguindo atrair a atenção e, com isso, aumentar o grau de concentração, na qual a criança tende a participar e interagir mais, e com o progresso de suas conquistas deixa o medo e a insegurança de lado, sentindo-se mais confiante e certa de suas potencialidades, como consequência ela tem melhora da auto-estima e autocontrole, demonstrando mais iniciativa e independência, o que certamente vai permitir melhora da interação social (MEDEIROS E DIAS, 2008).

A partir das considerações desenvolvidas, há evidências apodíticas<sup>4</sup> de que os benefícios advindos da Equoterapia perpassam sobretudo pelo estabelecimento do vínculo afetivo entre praticante e cavalo. Para que o praticante realize as atividades propostas na Equoterapia com o cavalo é preciso que anteriormente a qualquer técnica ou atividade desenvolvida ele não tenha medo do animal e nem sentimentos negativos em relação a este, para que tal encontro não fique marcado como um evento traumático. Da mesma maneira, o animal também pode negar a realização das atividades com determinada pessoa quando não há uma prévia aproximação e confiança mútua.

Este vínculo afetivo é oportunizado na “fase de aproximação” do atendimento, item já abordado neste trabalho. Nessa fase propicia-se um contexto para que o praticante troque afeto com o cavalo através do toque ou da simples presença do animal, e ambos se sintam seguros e confiantes para a sequência das atividades. Foram nestes momentos que pude observar de que maneira esse vínculo entre praticante e cavalo ia se consolidando.

Durante as atividades com os cavalos os praticantes respondiam aos comportamentos do animal com carinho e cuidado, de forma gradual, cada um à seu tempo. Em uma troca de sentimentos, atos e percepções. Como se ambos percebessem e compreendessem a experiência do outro. Isto é perceptível a quem observa uma sessão de

---

<sup>4</sup> Evidências apodíticas são aquelas em que há ausência total de dúvidas sempre que haja adequação completa entre o pensado e o imediatamente dado (HUSSERL, 1935/2002).

Equoterapia: o praticante de maneira gradativa se aproxima do animal, dá comida ao cavalo, conversa com ele, dá banho, beija e abraça o animal.

O cavalo, por sua vez, corresponde à sua maneira a esse carinho desprendido. Seja com gestos corporais, como o balançar da cabeça ou da calda, ao bater o corpo, ao inclinar-se em direção ao praticante e etc. Bem como através de sons, olhares. Esse tipo de vivência, de captar, conhecer e o compreender do outro que caracteriza a relação entre praticante e cavalo na Equoterapia me conduziu a pensar nessa relação enquanto vivência empática.

## 5 A EMPATIA NO CONTEXTO DA EQUOTERAPIA

Existem diferentes tentativas de interpretação da empatia. Pensar a empatia por uma perspectiva fenomenológica é remeter-se às contribuições de Edith Stein (1891-1942), que sob a orientação de Edmund Husserl (1859 - 1938) realizou sua tese de doutorado intitulada “O problema da empatia”. Através do método fenomenológico Stein procurou buscar a essência da empatia em seus estudos.

O tema da empatia é encontrado nos escritos de Husserl que estão distribuídos de 1905 a 1935, reunidos em publicações póstumas que se intitulam “Sobre a Intersubjetividade”, sendo, portanto, um tema antigo e desafiador na obra de Husserl (RANIERI; BARREIRA, 2012).

Com o desenvolver dos estudos constata-se que a empatia na obra husserliana comparece como pano de fundo no que tange à temática da “intersubjetividade”. Nestes, a empatia comparece como vivência mediadora da relação intersubjetiva. Ou seja, a subjetividade do eu em relação com a subjetividade do outro se choca, e neste encontro intersubjetivo as pessoas aspiram ao conhecimento e entendimento mútuo (BAREA, 2015).

O aprofundamento do tema da empatia ocorre em Edith Stein (1891-1942) que com um trabalho criterioso conseguiu descrever acerca da vivência empática por uma perspectiva fenomenológica. Stein (1891-1942) não consolida uma única definição de empatia e emprega um vocabulário variante para falar dela, considerando a empatia uma vivência extremamente complexa de ser descrita.

Portanto, Stein (1891-1942) não buscou encaixar a empatia em meros conceitos. Estes deixariam escapar a totalidade de uma vivência tão rica em detalhes, por isso foi contraposta a um sentido idealista de definição da empatia.

De acordo com Savian Filho (2014) podemos pensar a empatia a partir de Stein como uma vivência que não se trata de intuição ou de uma simples emoção, mas de um saber do que se passa na consciência alheia, uma experiência da experiência alheia, um perceber aquilo que o outro vivência, ou ainda, um sentir o que sente o outro. Portanto, a empatia são atos da consciência que tem como objeto a vivência da consciência alheia. Ou seja, a empatia é o dar-se conta da vivência alheia.

Segundo Ranieri e Barreira (2012) ao se falar em empatia por uma perspectiva fenomenológica, havendo encontro, a empatia como vivência sempre acontece e irá acontecer;

o que é possível é facilitar a tomada de consciência da empatia como elemento presente na relação intersubjetiva.

Dessa maneira, a empatia está permeando as mais diversas relações, seja entre humanos ou entre humanos e animais. O que acontece muita das vezes é a apercepção do homem em relação ao outro. Contudo, quando utilizamos a intuição para o fenômeno que se manifesta, “eu me percebo percebendo o outro”.

Husserl (1913/2006) assegura que intuição, traduzido do alemão *Anschauung*, refere-se à visão; olhar, consideração. Nesse sentido, intuição pode ser compreendida como um “estar voltado para” aquilo que aparece, ou seja, o fenômeno. Savian Filho (2014) relata que não se trata dizer que os atos humanos reduzem-se a empatia, mas de constatar um dinamismo de presentificação de caráter empático no fundamento delas.

Empatizar é reconhecer o outro como alter ego<sup>5</sup>, como outro eu (RANIERI; BARREIRA, 2012). Dessa maneira, na Equoterapia, é possível pensarmos a relação entre homem e cavalo que ali se estabelece como uma relação empática. O cavalo é um ser vivente, que, apesar de ser um animal não-humano e ser diferente do humano, possui características que o homem também possui, e por isso pode ser percebido pelo praticante como outro eu. Ou seja, “o cavalo assim como eu senti fome, o cavalo assim como eu irrita-se, o cavalo assim como eu sente prazer, assusta-se, alegre-se, dorme e etc.”.

Remeto-me a uma situação vivenciada enquanto observadora na Equoterapia. Determinado praticante estava com muito medo do cavalo e se aproximava com receio dele. Dado momento, ao se aproximar do animal e levantar a mão, o cavalo se afastou, e o praticante disse: “ele ta com medo, que nem eu.” Parece que ao notar essa semelhança, o praticante se aproximou dele com mais cuidado, realizando movimentos mais lentos como se não quisesse assustar o cavalo novamente. O cavalo dessa vez aceitou a aproximação do praticante, este por sua vez começou a fazer carinho no animal, em seguida ofereceu capim e água, e falou: “vai vê ta com fome, ta na hora do almoço.” A partir dessa interação, permaneceram lado a lado por toda a manhã.

O leitor pode se questionar: mas de que maneira se da à empatia na relação homem x animal? Como estes podem se compreender reciprocamente? É preciso que eu faça

---

<sup>5</sup> Alter ego é o termo utilizado por Husserl (1929/2013) para se referir ao outro na sua obra *Meditações Cartesianas*.

algumas considerações acerca das dimensões da pessoa humana em Edith Stein para responder as perguntas propostas.

Segundo Stein, a estrutura humana se constitui por corpo, psique e espírito. Os humanos diferem dos animais à medida que os humanos são seres espirituais e os animais não possuem essa dimensão. O corpo e a psique existem também no mundo animal (ALES BELLO, 2015).

A dimensão espiritual é aquilo que caracteriza o ser humano enquanto tal e não outra coisa, diferenciando-o também dos outros seres vivos. Essa dimensão se constitui, portanto, pela possibilidade que cada pessoa tem de atribuir valor ao “mundo da vida” com a capacidade de avaliar, decidir, criar, de ser ético.

De acordo com Rosa (2017) a liberdade, para Edith Stein, é o que define o homem como pessoa. Somente o ser humano pode dar um valor e um sentido próprio ao comportamento, inclusive ao comportamento condicionado por tantas coisas. A decisão de ir, por exemplo, não é do corpo e nem da psique: é uma decisão que indica uma atividade diferente. Nós a chamamos de espírito, pois na tradição alemã a atividade humana é “espírito” (Geist) (ALES BELLO, 2015).

Sobre a dimensão da psique, Oliveira (2016) refere-se a esta como a dimensão na qual se situam as vivências que equivalem aos sentimentos de repulsa e atração. Nessa dimensão atua aquilo que não posso controlar ou que não desejo, como por exemplo, o medo.

Rosa (2017) afirma que o conjunto de espírito e psique é o que Stein (1891-1942) denomina de alma. A separação destes conceitos deve ocorrer apenas como subterfúgio, pois todas estas estruturas falam de atos diferentes, mas que estão intimamente relacionados. Na unidade entre a psique e o espírito está a alma, mas a “alma da alma” está no espírito, na parte mais profunda da pessoa; é ali que reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade e seu querer que lhe permitem agir em vista do bem e da verdade.

De acordo com este mesmo autor, a psique é contemplada pelas manifestações expressivas do corpo vivido e somente chegaremos a conhecê-la por meio da percepção alheia. O corpo que vive (*leib*) é formado por um princípio vivo e vital que é a alma. O corpo é o lugar dos sentimentos, da vontade, das tomadas de decisões. De um modo geral, pode-se afirmar que o corpo não é a “prisão da alma”, mas é o que torna a pessoa visível e a coloca em contato direto com as coisas e com os outros seres humanos.

Partindo destas análises, a empatia na relação homem-animal é uma possibilidade, entretanto, acontece de modo diferente da existente na relação homem-homem. O ser humano possui um corpo vivido que tem matéria, psique e espírito. Os animais diferenciam-se dos humanos por não possuírem a dimensão do espírito, mas ao mesmo tempo, posso dizer que se aproximam do humano por também possuírem um corpo vivido e a psique.

A vivência empática também contempla esse reconhecimento mais genérico da vida animal, todavia, nesta relação não se reconhece um outro semelhante, mas divergente, o que se dá primeiramente pela corporeidade que, de imediato, se mostra estruturalmente diferente da humana. Portanto, pode-se destacar um primeiro momento na atuação da empatia: o reconhecimento do outro que, como eu, vive (RANIERI; BARREIRA, 2012).

Através do que foi analisado, destaco duas características essenciais da vivência empática segundo Edith Stein (1891-1942): sua possibilidade de proximidade entre os seres e seu caráter co-originário. Mais a frente falarei também da sua característica de imediatez e de abertura ao outro.

A possibilidade de eu sentir que o outro está vivendo aquilo que eu mesmo posso viver significa que nos comunicamos, mas ao mesmo tempo somos diferentes: nós temos uma vida autônoma, apesar de existirem estruturas comuns que, de vez em vez, se ativam. Portanto, o que a empatia também carrega como elemento essencial é a possibilidade de proximidade (ALES BELLO, 2004).

O caráter co-originário da empatia é outra característica essencial desta vivência. Muitas vezes, escutamos de outras pessoas que a empatia é simplesmente se colocar no lugar do outro. Mas de fato, é impossível estar no lugar do outro, pois a dor do outro é só dele e ele ira senti-la a partir de seu modo de existir e subjetividade. O que acontece através da empatia é uma presentificação dessa dor alheia.

Segundo Stein, nada pode ser mais originário na vivência, que a própria vivência. A diferença da empatia se dá no sentido de que o conteúdo apreendido é originário, mas esta originariedade não pertence aquele do qual procede empaticamente, pois quem empatiza, empatiza uma vivência não originaria de si, mas sim do alheio. O conteúdo analisado pelo sujeito originário é não-originário por que não está acontecendo com ele, “em carne e osso”, mas sim, “com o outro” (BAREA, 2015).

A empatia na relação entre homem e cavalo na Equoterapia perpassa sobretudo pela corporeidade. O cavalo não é um animal humano, entretanto, é um ser vivente que atua

de maneira recíproca com o humano que a ele se dirige. O corpo vivido nos mostra a vida interior dos seres vivos. Um olhar, uma lágrima, a postura, um som que se emite... Comparece e nos diz algo. Podemos perceber por meio da via da expressividade corporal, o mundo interior do outro, como que inserido em sua corporeidade viva. A expressividade corpórea constitui, portanto, a via essencial para acessar a vivência alheia.

De acordo com Lermontov (2004) na Equoterapia, o cavalo é uma novidade em relação a outras terapias, pois ele não é uma pessoa nem um objeto, mas um ser vivo e comunicante. Ele é usado para despertar interesses, que já começam pelas características corporais, como o calor, cheiro, tamanho, etc. Esses interesses tornam-se veículo de relação e intercâmbio.

Figura 3 – Praticante abraçando o cavalo



Fonte: <https://ericasitta.wordpress.com/2016/09/09/equoterapia-e-a-fonoaudiologia/>

Dessa forma, considero que a “fase de aproximação” na Equoterapia é de suma relevância. Como já explanado no capítulo anterior, nesta fase o praticante tem por objetivo a criação de vínculo afetivo que se dá mediante a empatia no reconhecimento do animal. Este reconhecimento acontece, principalmente, através do toque e do carinho dispensado no corpo do cavalo.

O terapeuta auxilia para que o praticante deslize sua mão pelas diversas partes do corpo do cavalo, para que o praticante sinta a respiração do animal, perceba sua crina, olhos,

boca, sua altura, assim como o praticante pode beijar e abraçar o animal, dentre outras possibilidades de contato. Caso, praticante e cavalo aceitem, também pode ser realizada a montaria.

Destaco nessa esfera do corpo vivo e nesse reconhecimento do outro, o sentido do tato. Temos a vivência da sensação do tato e afirmamos: “tenho um corpo”. Não é só por isso, pois também nos vemos. Porém vemos somente a frente do nosso corpo. A principal sensação do corpo é a tátil, que sempre é registrada como vivência (ALES BELLO, 2015).

Através do tato, posso captar que o cavalo se parece comigo, sendo até mesmo idêntico em certos pontos, e assim intuir sobre seus sentimentos e emoções expressos em seu corpo vivo, acessando os seus atos psíquicos. É através desta percepção externa e interna, em unidade, que a empatia ocorre.

Conforme Brentegani (2017), o cavalo, fonte de emoções, é a própria essência do expressivo. E, através das vibrações corporais que o corpo registra, o cavaleiro vive uma experiência que remete diretamente a sua vivência interior, assim, desabrochando, criando e realizando seu próprio bem-estar, pelo viés do cavalo, este seu outro eu.

Em determinado atendimento equoterápico que participei foram conduzidas atividades psicomotoras do praticante montado à cavalo. Em um dado momento do atendimento o cavalo deita-se ao chão, fazendo com que o praticante que estava em seu dorso quase se machuque ao se confrontar com o chão. Partindo desse gesto corporal eu me volto para a vida interior desse animal e ao mesmo tempo à minha própria vida interior. Dou-me conta de que algo impede esse cavalo de continuar o atendimento. O sofrimento dele passa a ser o objeto da minha consciência, intuo<sup>6</sup> seu sofrimento também pelo olhar, pela posição de suas orelhas murchas, pela sua respiração ofegante e pelo esforço que faz para se levantar, sem êxito. Encerramos ali o atendimento, mesmo sem o tempo padrão de atendimento atingir seu fim e o encaminhamos o animal para exame médico. Lá se constata que o animal estava com uma severa inflamação nas articulações. Também sofro com essa vivência. Isso só se tornou possível por que sei o quanto é doloroso ser acometido por uma doença, e a partir da empatia sei que o cavalo também sentiu dor como eu.

De acordo com Ranieri e Barreira (2012) o contato com um corpo próprio estranho dá-se junto por co-originariedade – a seu campo sensorial, isto é, apreende-se

---

<sup>6</sup> Intuir no sentido fenomenológico significa estar dentro do fenômeno, compreendê-lo em sua manifestação imediata (HUSSERL, 1913/2006).

intuitivamente o lado sensível (não visível) desse corpo, lado que o faz ser corpo próprio, corpo vivente, não mero objeto.

Feitas estas considerações, resalto a importância dessa interseção da experiência própria com a experiência do alheio. Segundo Malerba e Massimi (2013) há duas possibilidades de conhecimento da pessoa humana: a experiência de si e a experiência do outro, sendo que essas duas formas podem se entrelaçar em algum ponto, ou se complementar.

Segundo Stein, na experiência natural orientada pela atitude não reflexiva, as pessoas sabem de si, somente pela consciência original, o que significa um conhecimento incompleto, uma vez que não fornece todos os elementos necessários para se apreender a constituição unitária entre corporeidade viva e mundo interior. Trata-se de um conhecimento fragmentado, pois não é possível a contemplação do próprio ser com a finalidade de transformar-se a si mesma em dado de reflexão, sem que possamos nos espelhar nas outras pessoas (CARDOSO, 2014).

Portanto, Stein considera que o conhecimento acerca da vivência alheia nos auxilia a conhecer a vida da nossa própria vida, uma vez que possibilita o esclarecimento de aspectos do próprio vivenciar que, em princípio, encontram-se fora de nosso alcance. Acredito que a relação empática que se estabelece na Equoterapia entre homem x cavalo pode atuar como mediação para o auto-conhecimento desse homem que empatiza. A possibilidade de conhecer o animal como “outro eu” pode proporcionar a atitude reflexiva dos praticantes, a ética e o cuidado, de si e do outro (outras pessoas e dos animais), estabelecendo relações sociais mais harmoniosas.

No mais, é importante ressaltar uma condição para o fenômeno da vivência empática. Uma vivência como reconhecimento do outro como outro eu, implica que é necessária uma abertura ao outro (RANIERI; BARREIRA, 2012). Penso que ao falarmos de abertura, o vínculo que se estabelece por meio da empatia não pode ser imposta a ninguém, no caso, deixa de ser abertura e passa a ser uma obrigação, opressão. É importante refletirmos acerca da técnica equoterápica para que ela não se sobreponha a esta disponibilidade para o encontro entre praticante e cavalo.

De acordo com as pesquisas consultadas, o movimento tridimensional que o cavalo realiza é enaltecido e situado como fator chave do processo equoterápico por provocar diversos estímulos neuronais que resultam em ganhos físicos e motores para aqueles que o

montam. Tal constatação incorre no perigo de alguns profissionais ao terem acesso à essa técnica, tentarem montar o praticante à todo custo no cavalo, ignorando a indisposição da pessoa e do animal que ali se encontram, da empatia e do vínculo necessários na interação homem-animal, fazendo do encontro entre ambos um contato negativo.

Ao analisar as considerações feitas, me atrevo a dizer que é através da vivência empática que o praticante pode se dar conta de que o outro vive (o cavalo) como eu também vivo, e ele não é uma “coisa”, um objeto, mas possui uma dimensão que está para além desse corpo, seu lado sensível, que se remete a ordem do sentir. Entretanto, o discurso da técnica pode obscurecer esse conhecimento.

### **5.1 Reflexão acerca da técnica**

O filósofo José Ortega y Gasset (1883-1955) é o autor de “Meditações Sobre a Técnica”, importante obra na reflexão do conceito e da aplicação da técnica e seus desdobramentos dos primórdios até a modernidade. Gasset faz uma análise minuciosa da apropriação do homem sobre a técnica.

Ortega y Gasset (1963) conceitua o que denomina de atos técnicos, que são atos específicos do homem. Estes são atos que pressupõem e levam em si a invenção de um procedimento que nos permite, dentro de certos limites, obter com segurança, a nosso ver e conveniências, o que não existe na natureza, mas necessitamos. De onde resulta que estes atos modificam ou reformam a circunstância ou natureza, conseguindo que nela haja o que não há – seja que não existe aqui e agora quando se necessita, seja que em absoluto não existe.

O conjunto dos atos técnicos consiste na técnica. Dessa maneira, Inicialmente Ortega y Gasset (1963) define a técnica como a reforma que o homem impõe a natureza em vista da satisfação de suas necessidades. Entretanto, após uma reflexão minuciosa sobre o conceito de “necessidades humanas”, ele descreve como o homem não necessita da maioria das adaptações que provoca ao meio, esclarecendo que para o homem não é suficiente o estar no mundo, é preciso que ele modifique o meio a tal ponto que tenha um “bem – estar”.

O bem-estar e não o estar é a necessidade fundamental para o homem, a necessidade das necessidades. Logo, o homem não depreende empenho para estar no mundo, mas para o qual o supérfluo é o necessário. Dessa forma, Gasset chega a um novo conceito

sobre técnica. A técnica é a produção do supérfluo. Hoje e na época paleolítico (ORTEGA Y GASSET, 1963).

Podemos perceber que a relação entre homem e cavalo se apresenta de diversas maneiras ao longo da história. A maneira com que o homem se relaciona com o animal ao longo do tempo perpassa a sociedade, a cultura, a política e a economia de sua época. De maneira geral, o que se encontra na literatura sobre a relação entre homem e cavalo ao longo da história, diz respeito a um domínio do homem sobre o cavalo, onde o cavalo possui um caráter utilitário, logo o animal é colocado no mesmo lugar de “coisa”, recurso, instrumento necessário para alcançar determinados fins, ou seja, de um objeto.

A Equoterapia não se construiu indiferente a modernidade tecnicista que nos inunda. O cavalo na maioria da literatura especializada sobre Equoterapia a qual tive acesso tem o papel de recurso terapêutico e a Equoterapia é caracterizada como um conjunto de técnicas.

Conforme Cittério (1991) a Equoterapia pode ser considerada um conjunto de técnicas reeducativas que atuam para superar danos sensoriais, cognitivos e comportamentais e que desenvolvem atividades lúdico-esportivas por intermédio do cavalo.

Os atos técnicos são evidentes na Equoterapia, isto é perceptível tanto para quem estuda, quanto para quem vivencia este contexto. Desde o adestramento do animal<sup>7</sup> até a atuação dos profissionais da equipe na Equoterapia está baseado em técnicas e objetivos. Tal prática remete toda a generalização da vida do homem que hoje se tornou refém da técnica.

Como já foi abordado anteriormente, o andar do cavalo produz o movimento tridimensional (para cima e para baixo, para um lado e para o outro, para frente e para trás) e este trás inúmeros benefícios físicos ao praticante. A técnica na Equoterapia está embasada principalmente neste aspecto.

O uso do cavalo como uma ferramenta se deve pela semelhança que há no andar humano, do andar animal, fazendo com que os movimentos realizados sejam estimulantes para o resultado esperado. Em consequência do princípio físico, que atuam diretamente sobre

---

<sup>7</sup> Enquanto técnica muitas vezes o adestramento retira a animalidade do animal, retirando sua espontaneidade e transformando-o em um recurso para o homem, o que se constitui em um ato de violência a sua animalidade. Pensando no bem estar animal recomenda-se a utilização da “doma racional” que se baseia em convencer o cavalo a fazer voluntariamente o que se pretende sem forçá-lo. Com esse modo o cavalo colabora com o homem em vez de executar comandos. Esse tipo de doma também é chamada de doma gentil (ANDE BRASIL,2010).

o seu sistema nervoso profundo, o qual é responsável pelas noções de equilíbrio, distância e lateralidade (QUEIROZ, 2017).

A técnica de montar fez com que houvessem tentativas de mecanizar a vida animal, ao tentar reduzi-lo a máquina, principalmente na simulação da montaria. Entretanto, a técnica não conseguiu superar o vínculo afetivo das relações que só pode ocorrer através da empatia, pois o cavalo enquanto objeto não é possível empatizar, logo não há reciprocidade, muito menos a possibilidade de vínculo.

Houve um tempo em que máquinas que simulavam o movimento do cavalo foram inventadas a fim de reduzir gastos financeiros com manejo dos cavalos e construção de pistas cobertas. Entretanto, verificou-se que estas não substituíam o animal, em especial nos aspectos psicológicos (CUNHA ET. AL., 2016).

Sobre isso, Freire e Potsch (2005) relatam que suas conclusões demonstram que o contato com a equipe de atendimento e o cavalo, geram ganhos mesmo quando a montaria propriamente dita não ocorre de forma efetiva. Isto evidencia que os ganhos biopsicossociais deste processo terapêutico perpassa pela via da afetividade na relação homem-animal.

Alles Bello (2015) nos trás a reflexão de que pessoa não é igual a árvore ou madeira: tem psique e espírito. E como chegamos a afirmar que as pessoas tem psique e espírito? Porque existe a empatia: uma vivência particular pela qual com rapidez sinto, percebo e intuo que existem outras pessoas como eu sou pessoa. Trata-se de um tipo de vivência a partir da qual posso afirmar: nós sentimos, intuimos... existem seres vivos como nós e portanto, com espírito, psique e corpo.

Da mesma maneira, refletindo na perspectiva da relação homem-animal o cavalo não pode ser considerado um pedaço de ferro. Ele possui corpo e psique assim como eu. Ele vive assim como eu. Não posso acessar o que se passa com uma cadeira, pois ela não possui um corpo vivo que se comunique com as minhas estruturas em comum. Sendo assim, não é possível que eu empatize com uma cadeira, e conseqüentemente construa um vínculo afetivo com ela. Portanto, tentar reduzir animais à simulacros é uma ingenuidade.

A representação do animal enquanto objeto indica a desvalorização do animal enquanto ser vivo. Borba (2015) ressalta a preocupação de Husserl a respeito dos rumos que a ciência estava tomando já no início do século XX, em que a crise da ciência consistiu em objetificar a relação do homem consigo mesmo e com o mundo-da-vida.

A ciência moderna inaugurou um modo de pensar e agir objetivo, cientificista e desconectado do mundo da vida e da experiência real da consciência. Ela artificializou o contato do homem com ele mesmo, com os outros homens e com a natureza. O uso e o domínio da técnica passaram a ter mais sentido e valorização do que a própria vida. (BORBA, 2015, p. 91).

Esse “retorno às coisas mesmas” apresentado pela Fenomenologia nos faz refletir criticamente acerca do sentido das IAA’S, dentre elas a Equoterapia. Elas estão fundamentadas no estabelecimento do vínculo entre homem e animal que só pode se dá mediante a empatia. Com a atitude fenomenológica podemos restaurar o sentido da relação do homem com o animal que fora perdido com a naturalização das ciências modernas.

Não faz sentido pensar o animal enquanto recurso, pois nessa categoria, seria muito mais viável substituir os animais por objetos inanimados. E qual a diferença entre me relacionar com um objeto e um animal? Com o objeto, experimento uma vivência que vai em direção ao objeto, mas o objeto não me devolve nada em troca por essa vivência. Com o animal, sim, existe uma via de mão dupla.

As vivências que visam um animal não seguem uma via de mão única como acontece em relação às coisas meramente físicas. Essas vivências chegam até o animal e retornam enriquecidas pelas qualidades que encontram. Por isso, podemos dizer que na relação com um animal há uma ampliação ao nosso fluxo de vivência.

Resgatando o lugar de animal enquanto ser vivente e não objeto, considero de suma importância discutir sobre o bem-estar desse cavalo inserido na Equoterapia assim como do praticante, mas, sobretudo do animal pelo fato destes ainda serem tratados com inferioridade em relação aos seres humanos.

Os animais muitas vezes são explorados por não possuírem o livre arbítrio e a escolha, pois não pode escolher como os seres humanos (FORESTI, 2014). Por meio da empatia, me preocupo com esse animal que precisa de cuidados, assim como eu.

A empatia é tão comum a experiência interpessoal que se oculta, e não se tematiza, permanecendo implícita a nossa consciência mundana. No entanto, ela também emerge com espessura a consciência, por exemplo, nas formas de contato humano em que há atenção ao outro, preocupação, dúvida (BARREIRA, 2014).

Na Equoterapia, também podemos perceber estas atitudes na relação homem x cavalo: a atenção, o cuidado, a dúvida. Além disso, nesta relação a questão da ética também se faz presente quando falamos da preocupação com o bem estar do cavalo e do praticante.

Barreira (2014) nos evidencia que se toda conduta ética é uma conduta em relação ao outro, toda ética implica um fundo empático.

O Projeto de Lei 4.761/12 que dispõe sobre a prática da Equoterapia discorre sobre as exigências que os centros de Equoterapia devem obedecer no que diz respeito ao bem-estar animal. Destaco os artigos 4º e 5º:

**Art. 4º** Os centros de Equoterapia somente poderão operar mediante alvará de funcionamento da vigilância sanitária e de acordo com as normas sanitárias previstas em regulamento. **Art. 5º** Atendida a legislação de proteção animal vigente e o disposto na alínea “b” do inciso IV do art. 3º desta Lei, o cavalo utilizado em Equoterapia deve: I – apresentar boa condição de saúde; II – ser submetido a inspeções veterinárias regulares; III – ser mantido em instalações apropriadas.

Além disso, existe o Decreto de Lei número 24.645, de Julho de 1934. Essa lei descreve os atos que se enquadram enquanto mau trato animal e suas respectivas penalidades. É importante que as pessoas que desenvolvem qualquer tipo de IAA’S observem atentamente essa lei.

Sendo assim, é preciso cuidado ao lidar com a técnica, pois a sua imersão necessita reflexão sobre seus atos e não puro fazer. De acordo com Gasset (1963) a expansão prodigiosa da técnica a fez primeiro destacar-se sobre o sóbrio repertório de nossas atividades naturais e nos permitiu adquirir plena consciência dela, mas depois, ao prosseguir nesta fantástica progressão, seu crescimento ameaça com obnubilar essa consciência.

As atividades lúdico-educativos realizadas com os praticantes montados no cavalo são tidas como ponto chave no desenvolvimento dos benefícios a seus usuários. Entretanto, o praticante na maioria das vezes se sente amedrontado no primeiro contato com o cavalo, por estar diante de um animal de grande porte, e o cavalo por muitas vezes se sente ameaçado nos primeiros contatos. Seja devido a seu processo de adestramento ou por conta do seu natural comportamento de presa. Um psicólogo pode facilitar este processo de aproximação, mas ele só pode partir do animal ou do praticante.

O anseio pelo benefício divulgado pela técnica não pode sobrepor o bem estar dos envolvidos. Quando forçamos um praticante que tem medo do cavalo a montá-lo, por exemplo, por achar que a montaria deve acontecer, já que a técnica equoterápica “pede” tal movimento, inviabilizamos a efetivação da empatia no processo equoterápico pela sobreposição do ato técnico.

Percebo que a relação duvidosa com o animal acaba por impedir o relaxamento - tanto do praticante quanto do animal - necessário para as atividades desenvolvidas no

atendimento. Uma relação negativa entre homem-animal na Equoterapia impede todo o progresso da terapia e põe por baixo todos os objetivos a serem alcançados.

Quando o vínculo não é estabelecido de forma efetiva, por qualquer que seja o motivo, e o praticante é colocado para realizar as atividades montado no dorso do cavalo, sem nenhum vínculo com o animal, percebe-se um praticante ansioso, angustiado e amedrontado.

Evidencio aqui que alguns praticantes não conseguem se beneficiar de forma efetiva da Equoterapia, pois por muitas vezes a técnica equoterápica sobrepõe o estabelecimento do vínculo entre homem-animal, impedindo que o praticante desfrute dos fins terapêuticos.

Este vínculo só pode ocorrer através da mediação da empatia que tem como característica a “abertura ao outro”, como já exposto neste trabalho, ou seja, a disponibilidade dos envolvidos no processo.

A relação empática é uma via dupla e não unilateral. Portanto, da mesma maneira, o animal também precisa estar aberto para o contato. É preciso que os terapeutas atuem de maneira reflexiva acerca da técnica e com o cuidado de perceber os limites do animal e do praticante.

De acordo com Silva (2017) corre-se o risco da supervalorização da técnica em IAA quando a realização das atividades pré-programadas é colocada em primeiro plano, não levando em conta se o animal está ou não disposto a interagir naquele momento, se ele está em uma situação desconfortável, se sofre alguma violência por parte do terapeuta ou do próprio profissional e, conseqüentemente a relação na IAA torna-se artificializada.

Até mesmo a vivência empática ganhou caráter tecnicista em tempos atuais. Hoje em dia é possível encontrar técnicas para que o indivíduo consiga desenvolver o ato de empatizar. Na área da saúde isso comparece de maneira mais clara através dos programas de humanização para que os profissionais consigam cuidar de maneira mais “humana” dos seus pacientes. Somente o fato de haver programas, onde humanos precisam se humanizar é possível pensarmos até que ponto o humano se perdeu a ciência e conseqüentemente à técnica.

Hoje os supostos técnicos da vida superam gravemente os naturais, de sorte tal que materialmente o homem não pode viver sem a técnica a que chegou. Isto não é um modo de dizer, mas significa uma verdade literal. Não é já o utensílio que auxilia ao homem, mas ao contrário: o homem fica reduzido a auxiliar da máquina (ORTEGA Y GASSET, 1963). A

empatia de base fenomenológica é um ato natural, imediato, sendo assim, não é preparada, logo não pode ser caracterizada como uma técnica.

[...] Existe a possibilidade de obscurecimento do fenômeno empático em função da presença de roupagens de idéias a seu respeito, isto é, idéias a respeito da possibilidade de apreensão do outro. Essas roupagens podem formar concepções de empatia que a tomam como representações dependentes de certas condições, treinamento, projeção/introjeção, por exemplo, artificializando-a. Assim, a abertura ao outro, embora permaneça sempre sendo um ato imediato de fundo, passa a ser acompanhada na superfície por representações que, ao assumirem definições de certas condições para se acessar o outro, tendem a se desdobrar tecnicamente numa instrumentalização desse acesso visando certos fins ( terapêuticos ou analíticos, por exemplo). Pode-se perguntar o que, no limite, tal roupagem não faz com o próprio ser humano ao torná-lo reconhecido através do produto de um treinamento técnico? Nesse caso, deixa-se de lidar com o que é manifesto pelo outro, para se lidar com o que se faz dessa manifestação..." [...] (RANIERI E BARREIRA, 2012, p. 28)

Daí a importância, por exemplo, de se assumir a empatia como é para que se tenha consciência de que a companhia humana não se confunde com intimismo, tecnicismo, mas se define por um *estar com* que pode se enriquecer na atenção recíproca, na resposta àquilo e no compartilhamento daquilo que se manifesta (RANIERI E BARREIRA, 2012). Logo, a técnica retira aquilo que é originário da empatia, seu caráter imediato. Não sendo possível esse imediatismo a partir de uma representação disciplinada a comportamentos específicos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi evidenciado neste trabalho, percebo que a relação homem-cavalo mudou ao longo do tempo. Inicialmente, o cavalo foi utilizado pelos homens, principalmente, para tração e montaria. Nesse percurso houve uma aproximação entre homem e animal devido o desenvolvimento das máquinas tecnológicas e o processo de domesticação. Ocorreu-se assim um direcionamento mais intenso dos homens ao comportamento animal, o que facilitou a criação do vínculo afetivo e da amizade entre ambos.

Na aproximação entre homem-cavalo o animal ganhou uma atribuição específica, a terapêutica. Como exposto neste trabalho, essa atribuição encontra registros desde a Antiguidade e por diversos autores, mas é após a Primeira Guerra Mundial que o cavalo entrou definitivamente na área da reabilitação, sendo empregado como instrumento terapêutico nos soldados sequelados do pós-guerra. Como foi analisado, no Brasil, a utilização do cavalo para fins terapêuticos acontece com a implementação da Equoterapia pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE – BRASIL) em 1989.

A partir da análise e aprofundamento da minha vivência na Equoterapia, percebi que os praticantes deste processo interagem e respondiam ao vínculo estabelecido com o animal com extremo carinho e cuidado, em uma troca de sentimentos, atos e percepções. O cavalo, à sua maneira, correspondeu ao afeto dispendido. A troca contínua, recíproca e afetiva caracteriza a interação praticante-cavalo.

O tratamento equoterápico permite o vínculo afetivo entre homem e cavalo. Este vínculo acaba por ser mediado pela empatia quando ocorre o contato frente a uma postura franca e aberta de ambos. Apesar das características físicas do cavalo (alto, forte, rápido e imponente) que inicialmente pode amedrontar, o cavalo é um animal extremamente sociável e por isso se permite com facilidade ser tocado, conduzido e montado, o que favorece o contato do praticante com o mesmo.

Percebeu-se que assim como a relação entre homens, a empatia é uma possibilidade também presente na relação com o animal, no caso o cavalo, a partir da percepção de um ser que difere de mim em certos aspectos, mas que assim como eu vive e senti. Tal vivência pode trazer benefícios sociais e psicológicos à medida que o praticante que empatiza com o animal, pode vivenciar a vivência deste animal de maneira co-originária, como por exemplo, a sua dor. Essa vivência propicia o movimento de se colocar à disposição

do bem estar alheio, colaborando para o cultivo de relações de afeto, cuidado, assim como relações sociais mais harmoniosas.

Dessa maneira, destaco que a relação entre homem e cavalo está para além da montaria e do movimento tridimensional que o cavalo realiza, sem negar os benefícios físicos e motores deste aspecto. A simples presença do animal, através da empatia que ocorre entre homem e animal, bem como o consequente vínculo afetivo estabelecido entre ambos oferecem ganhos consideráveis a saúde humana e seu modo de ser no mundo, assim como possibilita que o humano volte o seu olhar para o bem-estar animal.

Além disso, através das pesquisas analisadas pode-se perceber que mesmo com a evolução da relação homem - cavalo ao que temos hoje enquanto Equoterapia, o cavalo ainda é referido nesse contexto como um “instrumento” terapêutico ou “recurso”, reduzindo naturalmente o cavalo ao mesmo lugar de coisa, objeto; seguindo os fundamentos da Psicologia Experimental que dominam as Intervenções Assistidas por Animais - IAA's.

As observações e os estudos permitiram chegar a conclusão de que a Equoterapia está imersa no positivismo científico reduzindo o cavalo a um simples recurso e a relação entre homem e cavalo a mera técnica. Considero que a análise da empatia na Equoterapia comparece de suma importância, pois se configura como via de acesso para a retomada do animal à sua animalidade, ao seu lugar e reconhecimento enquanto ser vivente e sensitivo.

A proposta da empatia na relação entre homem e cavalo na Equoterapia comparece como um convite à reflexão do bem-estar animal e o estabelecimento de vínculo. Considera-se o respeito à animalidade do animal e as condições ambientais em que ele está inserido, a inibição da violência e o resgate ao cuidado, sem transformá-lo em recurso.

Ressalto que a empatia na relação homem-cavalo é colocada neste trabalho como uma possibilidade. Levando-se em consideração que este estudo se coloca como pioneiro nessa temática, sobretudo pelo viés da fenomenologia. Acredito que este trabalho pode ser uma porta de entrada para desvendar as nuances dos fenômenos que se dão na relação entre homem e cavalo na Equoterapia. Toda essa proposta teve a intenção de permitir que fosse possível transcender a visão tecnicista presente neste tipo de Intervenção Assistida por Animais.

Por fim, evidencio o desafio e a iniciativa de levar o presente tema para discussão no meio acadêmico e científico. Participei do “I, II e III Encontro a Psicologia e as Intervenções Assistidas por Animais” promovidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em

Saúde e Intervenção Assistida por Animais - GEPSIAA's da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. No III encontro tive a oportunidade de compor a mesa redonda: "Psicologia, Interação Homem-Animal e as IAA's." Destaco a minha participação no IV Encontro de Psicologia, Fenomenologia e Realidade Brasileira onde apresentei a comunicação oral: "A Equoterapia Enquanto Vivência Empática." Ressalto que foi o primeiro trabalho apresentado sobre esta temática nos Encontros Brasileiros de Fenomenologia e Psicologia e também a possibilidade de ter apresentado e defendido a proposta na presença de estudiosos sobre a empatia pelo viés da fenomenologia. Fatos estes me impulsionam a dar continuidade no estudo desenvolvido na presente monografia.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Fabiana; CARVALHO, Márcia Cristina. Educação assistida por animais como recurso pedagógico na educação regular e especial- uma revisão bibliográfica. Edu.Tec.: **Revista digital da Faetec**. 2015.

ALBUQUERQUE, Lilian Magalhães. Hipoterapia na criança com Encefalopatia Crônica. In: LIMA, César Luiz Ferreira de Andrade; FONSECA, Luiz Fernando. **Encefalopatia Crônica**. Neurologia. Ortopedia. Reabilitação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

ALES BELLO, Ângela A. **Fenomenologia e ciências humanas**: Psicologia, história e religião. Tradução de : Miguel Mahfoud, Marina Massimi. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pessoa e comunidade**: comentários: Psicologias e ciências do espírito de Edith Stein. Tradução de: Miguel Mahfoud, Jacinto Turolo Garcia. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2015.

ALMEIDA, M. L.et.al. Aspectos Psicológicos na interação homem-animal de estimação. In: **IX Encontro Interno e XIII Seminário de Iniciação Científica**. PIBIC – UFU. Universidade Federal de Uberlândia. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, 2009.

ANDE-BRASIL. **Apostila do Curso Básico de Equoterapia**. Brasília. 2012.

\_\_\_\_\_. Associação Nacional de Equoterapia. **Apostila do curso básico de Equoterapia**. Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão. Brasília: COEPE, 2002.

\_\_\_\_\_. Associação Nacional de Equoterapia. **Apostila do curso de equitação para Equoterapia**. Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão. Brasília: COEPE, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein**. Santa Maria: UFSC, 2015. UFSC.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A bela Adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: SAVIAN FILHO, Juvenal (Org.). **Empatia**: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014.

BARROS, Elenilson Kléber Viégas. **Equoterapia e imagem da Polícia Militar do Maranhão**: o método terapêutico e suas influências como ferramenta de relações públicas da corporação. 2016. 153f. Monografia (Pós-graduação em Comunicação Social) – Rio de Janeiro, 2016.

BAYNE, K. Development of the human-research animal bond and its impact on animal well-being. **ILAR Journal**, Washington, v. 43, n. 1, p. 4-9, 2002. Disponível em: <<http://www.inataa.org.br/anexos/PercepcaoDosEstudantesDaAreaDeSaudeSobreATAA.Pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

BECKER, M; MORTON, D. **O Poder Curativo dos Bichos**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Congresso. Senado. Decreto-lei nº 24.645, de julho de 1934. Revogado pelo Decreto nº 11, de 1991.

BRASIL. Congresso. Senado. Projeto de Lei do Senado nº 264, de 2010. Disponível em: <<https://www23.senado.leg.br/web/atividade/materia/-/materia/98258>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BRENTEGANI, Thaís Rocha. **A Equoterapia no ponto de vista Psicológico**. Disponível em: <http://www.profala.com/artet11.htm>. Acesso em: 01 fev 2017.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade: considerações acerca dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo. Cadernos da EMARF. **Fenomenologia e Direito**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 87-104, abr./set. 2015. Disponível em: [http://www.sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/descaminhos\\_da\\_razao.pdf](http://www.sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/descaminhos_da_razao.pdf). Acesso em 28 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Saúde na infância, medicalização da existência e as intervenções assistidas com animais: alternativa ou nova “tecnificação”? In: DANTAS, Jurema Barros (org.). **A infância medicalizada: discursos, práticas e saberes para o enfrentamento da medicalização da vida**. Curitiba: CRV, 2015.

BRESLAU, S. L. M. **A Equoterapia aplicada no tratamento da esquizofrenia**. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2012.

CAMPOS, Tatiana Naraya Puzzi. **A equoterapia como recurso terapêutico aplicado ao processo ensino-aprendizagem de alunos deficientes mentais**. Disponível em: <<http://equoterapia.org.br/media/artigos-academicos/documentos/15071219.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

CAPOTE, P.S.O.; **Terapia Assistida por Animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual**. São Carlos: EdUFScar, 2011.

CARDOSO, Carolina de Resende Damas. **Contribuições de Edith Stein para a Psicologia científica**. Curitiba: Appris, 2014.

CITTERIO, N. D. História da terapia através do cavalo na Itália e no mundo. **Anais**. 1º Encontro Nacional da Associação Nacional de Equoterapia. Brasília: ANEq, 1991

COSTA, Leopoldo. **Cavalo: Origem e História**. 2011. Disponível em: <<http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011/02/os-equinos-origem-historia-e-racas.html>>. Acesso em: 07. ago. 2017.

CUNHA, Andréa Baraldi; SACRAMENTO, Beatriz Coletti; FERRARI, Laerte de Almeida; FAVARO, Heloiza Fioravanti; HADDAD, Claudio Maluf. Equoterapia. In: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Ema (Org). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri, SP: Manole, 2016.

DE COULANGES, F. **A cidade antiga**. São Paulo: das Américas. 2006.

DOTTI, J. **Terapia e Animais**. São Paulo: Livrus, 2012.

DUKES, M. M. **Fisiologia dos animais domésticos**. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FORESTI, Vaniele Fernanda. **A Compreensão das técnicas da Equoterapia no Campo da Saúde: uma perspectiva fenomenológica**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade)-Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

FRAZÃO, T. EQUOTERAPIA: recurso terapêutico em discussão. **Revista COFFITO**. n° 11, junho, 2001.

FREIRE, H. B. G; POTSCHE, R. R. **O autista na equoterapia: a descoberta do cavalo**. Universidade Católica Dom Bosco: Campo Grande, 2005. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/news/article.php?storyid=476>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

GUIMARÃES, Aquiles Cortês. **Fenomenologia e direito**. Coleção Primeiros Passos na Filosofia do Direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

HUSSERL, Edmund. **A filosofia como ciência de rigor** (1911). Prefácio de Joaquim de Carvalho. 2 ed. Atlântida: Coimbra, 1965.

\_\_\_\_\_. **Crise da humanidade europeia e a filosofia** (1935). Introdução e tradução de Urbano Zilles, 2. ed. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2002. 96 p. – (Coleção Filosofia; 41).

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura** (1913). Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Meditações cartesianas e Conferências de Paris**. Trad. Pedro Alves. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

JESUS, Ida Maria Sozzi de; RAMOS, Vânia; **A Equoterapia como recurso na terapia**

**psicomotora para a aquisição/desenvolvimento do equilíbrio corporal.** Disponível em: <[http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos\\_cientificos/alunos/pos\\_graduacao/13.pdf](http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos_cientificos/alunos/pos_graduacao/13.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2017.

KOPSCHITZ, Isabel . **Terapia com cavalos atende pessoas com deficiências.** Disponível em: <[http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo;jsessionid=5CDA95FE365AA1D6EED89FBDE7FBEAD4.lportal2?p\\_p\\_id=exibeconteudo\\_INSTANCE\\_2wXQ&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=pop\\_up&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=column4&p\\_p\\_col\\_count=1&\\_exibeconteudo\\_INSTANCE\\_2wXQ\\_struts\\_action=%2Fext%2Fexibeconteudo%2Fview&\\_exibeconteudo\\_INSTANCE\\_2wXQ\\_groupId=103138&\\_exibeconteudo\\_INSTANCE\\_2wXQ\\_articleId=1302901&\\_exibeconteudo\\_INSTANCE\\_2wXQ\\_viewMode=print](http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo;jsessionid=5CDA95FE365AA1D6EED89FBDE7FBEAD4.lportal2?p_p_id=exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ&p_p_lifecycle=0&p_p_state=pop_up&p_p_mode=view&p_p_col_id=column4&p_p_col_count=1&_exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ_struts_action=%2Fext%2Fexibeconteudo%2Fview&_exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ_groupId=103138&_exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ_articleId=1302901&_exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ_viewMode=print)>. Acesso em: 03 dez. 2017.

LEITÃO, Leonardo Gonçalves. Sobre a equitação terapêutica: Uma abordagem crítica. **Análise Psicológica** (2008), 1 (XXVI): 81-100

LERMONTOV, Tatiana. **A psicomotricidade na Equoterapia.** Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

MACHADO, J. A.C. et. al. Terapia Assistida por Animais (TAA). In: **Revista Eletrônica de Medicina Veterinária.** Ano VI, n. 10. São Paulo. Jan 2008. Disponível em: <<http://faef.revista.inf.br>>. Acesso em: 22 fev.2017.

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina. (org.). **Edith Stein e a Psicologia:** teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

MARLEBA, Victor de Barros; MASSIMI, Marina. As contribuições de Edith Stein para a questão d (in) definição do objeto de estudo da Psicologia. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina. (org.). **Edith Stein e a Psicologia:** teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

J.F.Q.; MELO, Z.M. (2006). Equoterapia: suas repercussões nas relações familiares da criança com atraso de desenvolvimento por prematuridade. **Estudos Psicologia**, 23 (3), 279-287.

MARINHO, Sylvio Lima. **Os benefícios da equoterapia.** Disponível em: <<https://www.ourofinosaudeanimal.com/blog/os-beneficios-da-equoterapia/?page=5>>. Acesso em: 03 dez. 2017

MARTINEZ, S.L. **Fisioterapia na Equoterapia:**Análise de seus efeitos sobre o portador de necessidades especiais. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

MEDEIROS, M.; DIAS, E. **Equoterapia:** Noções Elementares e Aspectos Neurocientíficos. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

MEDEIROS, M.; DIAS, E. **Equoterapia:** bases & fundamentos. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2002.

NASCIMENTO, Y. O. Psicologia na Equoterapia. In: ANDE-BRASIL. **Apostila do Curso Básico de Equoterapia**. Brasília, 2012.

NASCIMENTO, M.V.M.; Carvalho, I.S.; Araujo, R.C.S.; Silva, I.L.; Cardoso, F.; Beresford H. **O valor da Equoterapia voltada para o tratamento de crianças com paralisia cerebral**. Brazilian Journal of Biomotricity 2010; 4: 48-56.

NAVAS, Filomena. **Cavalos foram domesticados nas Estepes Euro-asiáticas**. 2009. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/noticias/.../120508\\_misterio\\_cavalos\\_mansos\\_mv.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/.../120508_misterio_cavalos_mansos_mv.shtml)>. Acesso em: 07 ago. 2017.

OLIVEIRA, Thayane Cristhine Amaral. **Psicologia fenomenológica e vivência comunitária: contribuições da vida**. 2016. 91 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

ORTEGA Y GASSET, Jose. **Meditação da técnica**. Vicissitudes das ciências, cacofonia na física. Livro Ibero Americano. Rio de Janeiro: 1963. -1933.

PETENUCCI, Andréa Lorenzon. Educação Assistida por Animais. In: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Ema (Org). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri, SP: Manole, 2016.

QUEIROZ, C. O. V. **Visualização da semelhança entre os movimentos tridimensionais do andar do cavalo com o andar humano**. Disponível em: <<http://www.Equoterapia.org.br>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

RAMOS, Cristiane da Mota; PRADO, Silvana Fedeli; MANGABEIRA, Victor. Psicoterapia e terapia assistida por animais. In: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Ema (Org). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri, SP: Manole, 2016.

RAMOS, D. G. et. al. **Os animais e a psique: do simbolismo à consciência**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2005.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A empatia como vivência. **Memoradum**, Belo Horizonte, v. 23, p. 12-31, 2012.

ROSA, Gabriel Mauro da Silva; SILVA, Edmar José da. **A pessoa humana no pensamento de Edith Stein**. Disponível em: <<http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/1015402/A+pessoa+humana+no+pensamento+de+Edith++Stein.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal (Org.). **Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas**. São Paulo: Loyola, 2014.

SILVA, Lidiane Verônica Collares da. **A fenomenologia e as intervenções assistidas por animais como alternativa para pessoas diagnosticadas com transtornos mentais**.

2017. 63 f. Monografia (Curso de Psicologia) - Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2017.

SITTA, Erica. **Equoterapia e a Fonoaudiologia**. Disponível em: <<https://ericasitta.wordpress.com/2016/09/09/equoterapia-e-a-fonoaudiologia/>>. Acesso em: 03 dez. 2017

TEIXEIRA, J. Amigos até que a morte nos separe. In: **Revista Veja**. Vol 68, 2007. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240107>> Acesso em: 09 jan.2016.